

203 de S. Antonio

Revista mensal
illustrada

ABENÇOADA POR S. S. LEÃO XIII
PELO EX.^{MO} ORDINARIO E
VARIOS PRELADOS

Novembro de 1908

N.º 23

SUMMARIO

Vida Nova	881
A. P. — O Divorcio (LEIS DO MATRIMONIO)	886
P. Alexandre — Reforma da musica religiosa entre nós	892
C. C. — Acção social catholica	897
P. D. da Cruz — Sciencia & Industria (ES- TRUMEIRA)	902
Paulo Neófito — Diario d'um romeiro (Aos PÉS D'UMA CRUZ)	906
Livros, revistas e jornaes.	908
Chronica de Portugal e do Estrangeiro, etc.	

Redacção e administração

BRAGA



Voz de Santo Antonio

PROGRAMMA :

A Voz de Santo Antonio tem por fim dar aos seus leitores uma orientação christã, religiosa, scientifica e social, publicando, mensalmente, artigos originaes sobre as questões do seu amplo programma.

Cada numero contem :

- | | | |
|--|---|--|
| 1.º) Um artigo de actualidade. | ↓ | 7.º) Resenha de <i>Livros, revistas e jornaes</i> , em que se apreciam os que forem enviados <i>directamente</i> à Redacção. |
| 2.º) Varios artigos doutrinaes. | | 8.º) Chronicas do movimento politico de Portugal e estrangeiro. |
| 3.º) Uma chronica do movimento social. | | |
| 4.º) Artigos scientificos. | | |
| 5.º) Trabalhos juridico-canonicos. | | |
| 6.º) Leituras recreativas. | | |

A Redacção reserva-se o direito de publicar ou não os originaes que lhe forem enviados.

Redacção e administração no Collegio de S. Boaventura — MONTARIOL — Braga

ASSIGNATURAS

Reino, ilhas Adjacentes, colonias e Hespanha	↓	Estrangeiro
Por anno	1\$200	Brazil (réis fortes) 1\$500
Cobrança pelo correio	1\$250	Outros paizes 700



ANUNCIOS



A' MEMORIA DE MANOEL FONSECA

Manuel Fonseca o chorado morto, foi o mais ardoroso e decidido combatente em prol da causa da democracia christã. Fundou o Circulo Catholico d'Operarios do Porto. Dedicou-se á sua obra, que estremeia, d'alma e coração.

Quiz dotal-a d'um edificio apropriado aos seus fins altamente sympathicos. Não poude. A morte cortou-lhe o fio da existencia, no mais acceso da lucha.

O que resta, pois? Trabalharmos pela effectivação da sua mais incendida aspiração, promovemos com todo o enthusiasmo a construcção d'uma casa para o Circulo.

E' esta a melhor maneira de tributarmos uma sentida homenagem á memoria do inolvidavel amigo dos operarios.

Para isso tem se feito larga distribuição de listas, que urge cobrir de donativos para que a construcção da nova casa d'esta prestimosa aggremação seja em pouco um facto.

Essas listas, á medida que forem chegando, serão archivadas para em todo o tempo constar.

Mãos á obra. Quem não poderá dispôr d'uma modesta importancia para um fim tão nobre?

Haja boa vontade e tudo se fará.

A remessa de donativos ou pedido de listas deve ser feito ao Circulo Catholico de Operarios, travessa da Fabrica n.º 10 — PORTO.

Lista dos Ex^{mos} Subscriptores :

Januario de Souza Barbosa	20\$000
Conego José A. Correia da Silva	10\$000
Maria Rosalina	500
Maria Joaquina	500
Maria Proença	500
Maria Angelica	500
Maria Thad-u	500
Maria Ferreira	500
Barbara Maria	500
Leonor de Jesus	500
Brigida de Jesus	500
Maria Gil	500
Maria Duarte	500
Maria Rita	500
Delfina Pomba	500
Brigida Pomba	500
Maria d'Assumpção	500
Maria José	500
Maria Honorata	500
Barbara da Conceição	500
Maria Isabel	500
Maria de Lourdes	500

Somma 40\$000



Voz de S. Antonio

Redacção e Administração — MONTARIOL — Braga

DIRECTOR — P. Agostinho Motta

PROPRIETARIO — Domingos José de Souza Gomes

ADMINISTRADOR — Manuel José dos Santos

Composição e impressão — Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos — Braga

VIDA NOVA

O 3.º CONGRESSO DAS AGGREGAÇÕES POPULARES

O movimento social que, em precedentes artigos, deixamos esboçado, longe de uma simples evolução do que o precedeu, é a passagem mais ou menos brusca, embora não imprevisível, da desorganização total para a organização calculada das forças sociais de que já dispomos.

Felizmente o Congresso da Covilhã assim o compreendeu; e com uma união de vistas que, por muitos, foi atribuída á *Voz de Santo Antonio* e aos *Estudos Sociais* de Coimbra, tratou de consolidar praticamente esta ideia, nomeando uma Comissão Central de confiança, pelo valor intelectual e prestigio social que os seus membros adquiriram com o seu trabalho e estudo — pehor da actividade que desenvolverão em beneficio da classe proletaria pela organização e instrucção que decerto nos vão dar.

Apezar, porem, da boa vontade evi-

dente em todos os Congressistas, não acariciamos illusões.

Quando, em julho de 1907, falamos do Congresso do Porto, escrevemos o seguinte :

A «concentração não póde realizar-se, sem que se organize a Comissão Central.

A Comissão Central tem, pois, este fim. E, para o alcançar, todos sabem e podemos affirmar, sem pessimismo, que é necessario trabalhar e lutar muito. A lucta não é com os de fóra; é com os de dentro. Lucta de preconceitos, lucta de illusões, lucta até de ideias divergentes entre catholicos e em pontos em que isso não era de esperar, para quem tem obrigação de possuir uma comprehensão nitida dos seus deveres — que a propria lei natural lhes impõe. O facto é este. E nós devemos acceital-o e estudal-o tal qual se nos apresenta, se não queremos que os nossos esforços se aniquilem con-

tra uma situação imaginaria, que nós mesmos creamos, sem fundamento real.»

Subsistem as razões porque estas palavras foram escritas.

Porque — não nos iludamos — a criação de uma Comissão Central não significa de nenhum modo a união completa de todos os elementos, mas apenas o mais poderoso meio para a realizar.

E contudo, tornar-se-á senão o mais impotente, pelo menos, completamente inutil, se as associações locais e os elementos dispersos não se amoldarem submissa, mas conscientemente, ás disposições e conselhos da mesma Comissão Central.

Isto dependerá muito da boa vontade de todos — e, felizmente, a juventude academica de Coimbra e muitas associações locais já adheriram incondicionalmente — e da tactica prudente da mesma Comissão

Será um estudo digno da attenção de todos.

A indispensavel observação do meio em que vivemos e trabalhamos, mostranos que, alem da falta de preparação e comprehensão do actual movimento, ha ainda — e logicamente — o apêgo ás fórmulas do movimento anterior, radicado em alguns interesses e tradições mais ou menos attendiveis para quem dirige superiormente, mas primaciais para os que são dirigidos n'estas circumstancias.

Podiam muitos ser catalogados no numero dos preconceitos. Mas, por isso mesmo, é delicada a resolução do problema, visto que um preconceito tem, muita vez, no homem, tanta força como o mais logico e verdadeiro raciocinio.

Daqui a necessidade de contemporisar, ao mesmo tempo que se trabalha pelos destruír.

E o unico modo de obter este resultado será a concessão da mais ampla

independencia, dentro da indispensavel harmonia.

Para isto duas condições tem de cumprir a Comissão Central: — captar a confiança de todos e obter o conhecimento perfeito das localidades, provincias e districtos, afim de pautar o seu trabalho em cada uma, pelas suas mais urgentes necessidades.

Ora, tal estudo é evidente que o não podem fazer os membros da actual Comissão Central, porque lhes escasseia o tempo e porque se impossibilitariam de estudar a orientação geral que desde já nos deve ser dada.

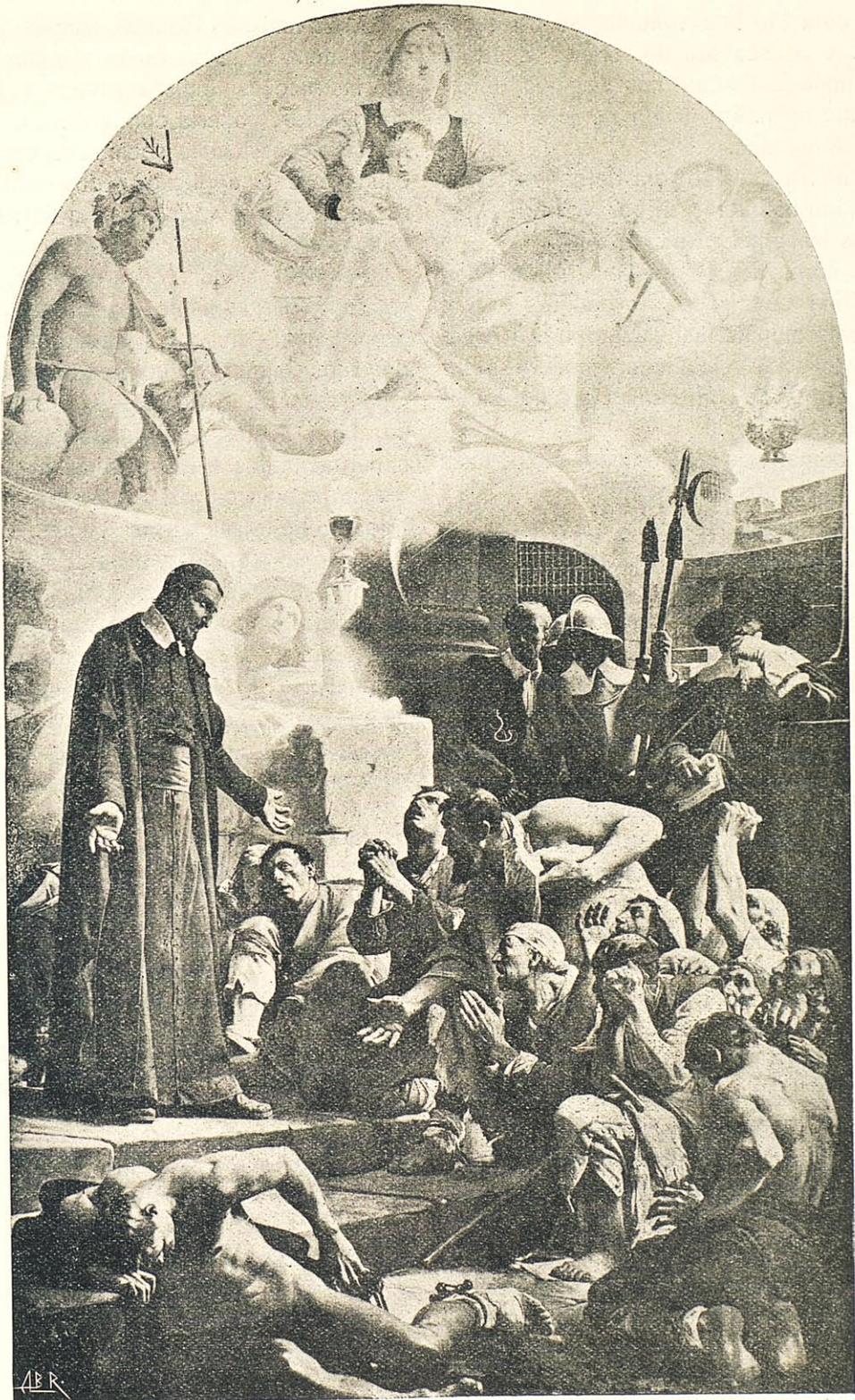
E' para este trabalho que devia ser destinado o grupo de conferentes a que nos referimos em precedentes artigos. Mas parece-nos que o Congresso da Covilhã não attingiu este fim quando, deixando-se levar pela feição pratica que os trabalhos tomaram, entendeu que satisfazia a esta necessidade, inscrevendo como conferentes todos os que quizessem fazer parte d'esse grupo.

Nós temos de reconhecer e louvar a boa vontade de todos os que se offereceram — e foram muitos — mas devemos lamentar que esse grupo não possa effectuar o trabalho que necessariamente lhe devia ser confiado.

E' distincto fazer discursos de propaganda e discursos de educação e organização.

De uma e outra coisa precisamos; mas, evidentemente, muito mais d'estes que d'aquelles.

Ora, uma educação ou organização social nem todos a podem dar. Porque demanda estudo, tempo e faculdades de observação e exposição que, se não são raras, tambem não são muito vulgares. E, afinal, uma só d'estas condições basta para inutilizar, não para o trabalho de propaganda, mas para o trabalho de educação e organização, a maior parte dos



S. VICENTE DE PAULO PRÉGANDO A FÉ AOS CONDEMNADOS

que, com tão boa vontade, se offereceram: é a escassez do tempo. E assim cairiamos fatalmente nos mesmos defeitos que no nosso artigo de julho deixamos apontados.

Não: a questão tem de ser resolvida de modo distincto, se por ventura desejamos trabalhar proficuamente.

E como a Comissão Central ficou investida com todos os poderes e com as mais amplas faculdades para a organização social, facilmente poderá obter esse grupo de conferentes que lhe facilitem o trabalho.

Compatíveis com o nosso meio, duas resoluções nos apparecem.

A primeira consistiria em nomear um conferente em cada diocese que ao mesmo tempo servisse de correspondente da Comissão Central para a informar do movimento social das localidades que percorresse. Mas como tais conferentes não poderão ganhar a sua vida com outros trabalhos, porque este lhes absorve todo o tempo, ha a difficuldade de remunerar a tantos condignamente, pagar viagens e outras despesas inevitaveis.

Por isso, a resolução mais pratica e em certo modo a mais conveniente, porque sempre é mais facil encontrar poucos homens aptos para este trabalho do que muitos, seria a de recrutar entre a juventude illustrada e séria quatro conferentes apenas que percorressem, não dizemos já o paiz, mas, a principio, as associações locais e logares limitrophes, e depois as localidades que mais facilidade offerecessem para a criação de instituições sociaes diversas, conforme as necessidades do povo.

Alem de se poder mais facilmente sustentar 4 individuos do que 12 ou 16, havia a alta conveniencia de se irem formando e desenvolvendo a si proprios com a observação directa, com o exercicio e a experiencia.

A Comissão Central, traçado o seu programma de organização e tendo dado as instrucções indispensaveis a estes conferentes, poderia confiar-lhes o estudo das necessidades sociaes de cada localidade e a applicação dos remedios respectivos, prévia a consulta da mesma Comissão.

Por necessidade, elles mesmos iriam servindo parcialmente os interesses da propaganda — no que poderiam ser coadjuvados pelos conferentes inscritos no Congresso da Covilhã — e, tudo reunido, faria destes 4 conferentes, homens experimentados e mestres da juventude que ao depois os viria substituir no seu trabalho de missionarios sociaes.

Uma só condição deveria impôr-se-lhes: — a. de se dedicarem *exclusivamente* ao estudo destas questões e ao trabalho resultante d'esse estudo, — para o que a Comissão deveria contribuir pagando-lhes convenientemente a sua vida e fornecendo-lhes os meios indispensaveis para a sua formação e trabalho.

Muito de industria, como acaba de vêr-se, démos agora maior desenvolvimento a esta ideia já exposta em anteriores artigos. Depende da sua applicação, ao que nos parece, a anciada e esplendida realidade da nossa organização.

Em que consiste, porem, o trabalho dos conferentes? — Nada mais complicado theoreticamente, mas tambem nada mais facil na pratica desde que haja uma nitida comprehensão da theoria.

Indispensavel, em primeiro logar, a organização de programmas de estudos intellectuaes, profissionaes, civicos e, particularmente, sociaes, dando-lhes, quanto possivel, o character pratico. E' o trabalho proprio da Comissão Central ou dos individuos que ella escolha para os fazer.

Mas, para isso, é preciso ter em vista dois pontos importantes: — a organização da *nossa* sociedade e a dignidade moral a que precisamos de elevar a família.

A consideração do primeiro ponto leva-nos a desistirmos de implantar o optimo, quando só aguentamos com o soffrivel.

A do segundo, junta á experiencia dos catholicos de outras nacionalidades, ensina-nos a desprezar uma obra que, se é um bem relativo para a sociedade, é evidentemente um mal para o lar domestico.

Varios exemplos nos podem ilucidar: — seria impossivel transformar desde já todos os nossos Circulos Catholicos em cooperativas ou mutualidades, por absoluta falta de meios. Podemos fundar uma ou duas, transformar dois ou tres circulos em associações deste genero? Aproveitemos o ensejo, mas não caíamos no exagêro de os transformar todos, porque nos ficam mortos á nascença.

Por outro lado, ha instituições que, parecendo um grande bem, são no fundo a causa de muitos males e que, por conseguinte, só se devem fundar onde não seja possivel *evitar* esse mal menor. De ordinario são prejudiciaes, por isto, as instituições de beneficencia puramente caritativa. Estão n'este caso, por exemplo, as chamadas *crèches* onde as operarias vão deixar de manhã os filhos para só os tornarem a vêr á noite. Além dos grandes males que a creança soffre no periodo da lactação, a vida de família vae-se destruindo pouco a pouco.

A mãe não os educa, e por muito bem entregues que estejam seus filhos, nunca a educação que recebem pôde dar os mesmos resultados que a educação tradicional e carinhosa da família. Quasi nunca estas creanças alimentam o amor do passado, esse vinculo indispensavel a

todo o homem que vive em sociedade, com a qual terá de ser sempre e em geral solidario.

Ao lado de uma fabrica onde a mulher trabalha, parece-nos que vale muito mais uma escola ou uma cooperativa que, melhorando as condições da vida da classe popular, vá emancipando pouco a pouco a mulher do trabalho fabril para a reconduzir ao lar donde nunca deveria ter saído.

Será moroso, mas é, com certeza, muito mais completo e radical este remedio.

As intuições que soccorrem com a esmola são sempre dignas da nossa veneração. Mas é preciso que se comprehenda o papel da esmola, de modo que com ella, em vez de se remediar, se não vá desmoralisar.

Pareceram-nos oportunas estas considerações, pelas propostas e discussões que, já em particular já em sessões de estudo, ouvimos fazer no Congresso da Covilhã.

Certamente, não pretendemos com isto destruir qualquer esforço particular ou inutilizar inicialivas, desde que se fundem — *como é absolutamente indispensavel* — no perfeito conhecimento do nosso meio e das nossas necessidades sociaes. . .

De resto, o Congresso da Covilhã senão pela sua preparação mental, ao menos pela feição prática que tomou, — embora isto mesmo tenha podido dar margem a illusões — pôde ser considerado o primeiro Congresso social portuguez.

Oxalá que o seu exemplo se comunique aos futuros congressos portuguezes e alente os que trabalham e os que tem de dirigir o nosso incipiente movimento social.

Entretanto, para concluirmos, permiti-

tam-nos que façamos de novo, bem mais esperançados, embora não sem temores, a pergunta que dirigimos ao Congresso do Porto em 1907:

Teremos probabilidades de ficar organizados durante o anno de 1908-1909?

Concentraremos até ao novo Congresso social as nossas forças?

No proximo anno, em Braga, sabermos a resposta. (1)

(1) Chamamos a attenção dos leitores para a nossa Chronica Social onde se trata largamente do Congresso da Covilhã.

O Divorcio

LEIS DO MATRIMONIO

Os apóstolos do divorcio fundamentam toda a sua dialectica nos instinctos da natureza organica. O prazer e o deleite é a base da sua moralidade.

E' portanto, justo que elles entrevejam no casamento indissolúvel a mais cruel oppressão das aspirações naturaes dos conjugues, e, consequentemente, um golpe fatal das leis morais. — O fim principal e a moralidade do matrimonio é a plena satisfação dos instinctos libidinosos dos noivos.

Não distinguem mais que os roucos dictames da materia viva e parece desconhecerem por completo os nobres destinos que a actividade d'esta alveja desde o seu principio.

Todavia, esta maneira de entender a moral é supprimil-a radicalmente.

Se, na verdade, a moralidade no casamento consiste em fazer tudo o que apraz, reduz-se, sem duvida, ao mesmo preceito em todos os outros actos e manifestações da vida. As consequencias são notorias: o roubo, a violencia e o assassinato, tornam-se permittidos e até moraes. Quem os perpetra encontra indubitavelmente algum prazer e mostra-se naturalmente inclinado ou sollicitado a commetter todos esses actos, que, por outra parte, a consciencia publica incrimina de nefastos e iniquos.

Perfolheemos o livro da natureza e registemos os principios do seu direito, recordados de que a moral deve orientar todos os actos humanos e de que o homem não é só a materia organica.

O matrimonio revestiu em todas as epochas o character de contracto, que, attento o seu fim, é de ordem natural.

Este fim primario e essencial é a geração e criação de homens, considerados no seu duplo elemento phisico e moral. Visa a propagação e conservação do genero humano.

Digno e honesto, sem duvida, é uma exigencia da natureza pelo seu meio de consecução, causa motora e termo moral e social.

Os elementos germinativos, — principio da vida —, são manifestações da actividade natural do organismo.

A concupiscencia ou a attracção dos sexos é ainda uma propriedade da natureza. Personifica aquelle mandato do Creador — «crescei e multiplicaes-vos» —. Aqui o preceito divino ficou gravado no ser do homem e constituindo um capitulo da lei natural.

O mesmo fim do matrimonio, materialmente considerado, é reclamado pela especie que tende á perfeição da vida e

á formação de novos elementos de actividade, que a seu tempo hão-de conquistar a felicidade da familia e do estado.

A educação enfim, e o desenvolvimento moral de novos espiritos, que, embebidos no amor civico e religioso, se hão-de orientar a si mesmos na lucta pela perfeição individual e serão elemento vantajoso para a felicidade do estado, são a luz bemfazeja que encaminha as creaturas verdadeiramente racionaes para o fim ultimo a que Deus as destinou.

E' aqui que se realizam os anhelos mais nobres da natureza humana.

E' pois, evidente que o contracto matrimonial bebe a sua existencia e propriedades nas leis da natureza. E' natural porque o é tambem seu fim.

Mas se todas as tendencias respectivas da natureza se coadunam n'uma só força para gerar e crear um novo organismo e uma nova vida, devemos concluir que o fim primario do matrimonio não pôde ser o deleite que o individuo gosa no exercicio desses instinctos.

Cada potencia do ser humano tem um fim particular. Este porém, não se identifica com aquella. A potencia é o meio.

Ninguem dirá que o homem come unicamente para se deleitar com os manjares. A fome é a força que o impelle a tomar o alimento necessario á vida do organismo. Esta é que é o fim ou a razão por que se come.

O deleite dos esposos no



A CARIDADE

matrimonio é apenas um fim secundario, que, por ser natural e legitimado, é honesto, e que em circumstancias anormaes e concretas póde *ser considerado* principal, quando a obtenção d'este é de todo impossivel.

As conclusões que vamos deduzindo e que contrariam directamente o raciocinio grosseiro dos divorcistas, são a substancia da doutrina christã sobre o matrimonio. (1) — O matrimonio realiza-se para utilidade do filho.

Sendo o contracto matrimonial e o seu fim uma exigencia da natureza, é evidente que tambem por esta são determinadas a essencia e as propriedades caracteristicas do mesmo contracto. Quem prescreve o fim, prescreve os meios.

Isto é, são tambem de ordem natural as propriedades essenciaes do matrimonio. Porquanto, não é a natureza do contracto que mede o seu fim; é sim este que determina a natureza e condições do contracto.

Daqui podemos affirmar que as obrigações do matrimonio são anteriores e independentes de qualquer condição estipulada pelos contraentes contra a substancia d'este contracto. O que equivale a dizer, que não pertence a estes o direito de determinar condições que collidam com as exigidas pelo fim do matrimonio; pois que, como não pode ser permutado o fim, tambem o não póde ser o meio.

Não é licito pois, a nenhum contraente alterar o que a natureza estabeleceu.

Ainda aqui o deleite dos esposos, advogado pelos defensores do casamento livre, é suplantado pelos principios do direito natural e da philosophia do christianismo, que endereçam primariamente todos os resultados do matrimonio ao bem e felicidade da prole.

Defrontando-nos com o grande argu-

(1) Vid. art.—*O divorcio*—, no n.º de agosto de 1908.

mento proposto pelos partidarios do divorcio, em que pretendem salvaguardar a liberdade humana que, dizem, fica gravemente lesada com a antigualha do casamento estavel, devemos declarar que não é a liberdade o fundamento dos contractos, supposto que esta seja uma condição absolutamente necessaria para os realizar.

O fundamento é o interesse ou o fim que se deseja obter. Ora, devemos notar que a liberdade individual póde alterar ou desfazer unicamente os contractos que são exigidos pelas circumstancias variaveis da vida social ou particular do mesmo individuo. Neste caso, o contracto é livre, porque o é tambem o seu fim.

Quando porém, o contracto é regulado pela propria natureza, e portanto necessario, como é o matrimonial em virtude do fim a que aspira, o individuo tem de forçosamente sujeitar-se á regulamentação do mesmo contracto. Só é livre para o realizar ou não realizar.

Ficará por isto compromettida a personalidade do contraente, quando chega a pronunciar a formula do matrimonio indissolvel?

No caso affirmativo, seriam illicitos e anti-moraes todos os contractos que o direito natural e das gentes legalizam.

Effectivamente, depara-se-nos uma flagrante incoherencia na doutrina dos jurisconsultos revolucionarios do seculo XVIII e dos apostolos modernos do divorcio, quando vituperam de immoral o casamento por constringer a liberdade individual por toda a vida.

Advirtamos que não se comprehende compromisso algum sem a annullação da liberdade futura pela liberdade presente. Se se limita á liberdade presente o direito de dispor de antemão da liberdade futura, não pode existir especie de contracto algum.

Um contracto não é moral ou immoral pela duração de tempo que o sustenta.

E'-o pelo objecto sobre que se realiza ou pelas obrigações que d'elle dimanam.

Em virtude de que principio se pode affirmar que um homem não tem direito de comprometter todo o seu futuro? Unicamente porque o presente não tem direito de obrigar o futuro?

Admitte-se que um individuo pode contrair obrigações e alugar os seus serviços por um tempo determinado, por cinco, dez ou vinte annos; porque o não pode fazer por cincoenta, cem ou duzentos, apezar de haver quasi a certeza de que os dias da sua existencia não attingirão esta idade?

E' pois, incoherente e anti-juridica a ideia dos divorcistas.

O matrimonio perpetuo está incluso nas leis mais vulgares do direito commum.

Todo o acto que não é prejudicial á sociedade, e que por consequencia, não é prohibido, pode fornecer materia para uma obrigação. A sua duração importa pouco, contanto que não exceda as disponibilidades do que a contrae.

Cada qual pode obrigar-se pelo que lhe pertence; e pode obrigar-se por *tudo* o que lhe pertença. (1)

Se alguma lei pretende usurpar ao individuo estes direitos, oppõe-se a que o proprio calcule, ajuize e execute o que lhe é mais vantajoso; isto é, recusa-lhe o direito de usar do seu direito.

E' pois, evidente que o matrimonio não prejudica mais a liberdade e personalidade humanas que qualquer outro contracto juridico.

Ademais, a liberdade que se sacrifica no contracto matrimonial é um direito de que o homem dispõe para conseguir interesses de ordem superior.

Notemos porem, que este sacrificio da liberdade é apenas a renuncia do uso da mesma para actos que contrariam a natureza do casamento contraído. De nenhum

modo pode ser identificada esta restricção da liberdade com a mutilação da alta prerogativa do espirito que constitue o fundamento da personalidade humana.

Temos examinado a argumentação dos apologistas do divorcio, e facilmente se reconhece que é banal o interesse a que elles destinam o matrimonio, como o é o fundamento em que firmam as exageradas consequencias que deduzem do casamento estavel.

Que leis pois, devem reger o matrimonio para que elle attinja convenientemente o seu fim? Será uma conveniencia, uma necessidade até, a indissolubilidade? E' juridico este attributo do contracto matrimonial?

Dissemos que o direito e o christianismo estabelecem como fim primario do casamento a criação de novos individuos humanos.

A consecução d'este fim, nobre sem duvida, identifica-se com a formação radical de um *homem completo*, physica, social e religiosamente considerado.

Estes tres elementos do homem completo só podem conseguir-se e encarnar-se no novo individuo, mediante um mutuo esforço e união de sacrificios dos progenitores. Logo, os esposos não podem desregar-se.

Estamos na ordem dos factos, cuja eloquencia supera toda a força de raciocinios philosophicos.

O filho, chegado ao lumé da vida, é uma voz muda que em nome da existencia e do direito reclama todos os elementos que o seu fim individual lhe exige. E' um idolo que não pode prescindir do culto inviolavel dos paes.

Para a vida physica exige pão, para a social, auctoridade e respeito, para a religiosa, crença e amor.

Mas, introduzamos no lar domestico esse principio de independencia que abre a cada conjuge um cofre de recursos para a vida, que gera nos dois a ideia de auto-

Fonsegrive, — *Casamento e união livre.*

nomia e de socio livre, e que, finalmente, os separa por uma columnã de odio motivado pela divergencia de caracteres e de semelhança de sentimentos.

Quem dispensará ao filho aquella atmospherã de harmonia, de união e religiosidade, sem a qual será victima d'um ambiente infecto em que o espirito e os instinctos apenas respirarão o ar putrido da vida animal?

Quem garantirá os interesses superiores da prole, a segurança da familia e o bem estar dos povos, ou a honra da humanidade?

E' inconcebivel que, sem esse vinculo de aço que se diz estabilidade matrimonial, o casamento possa ser um contracto de character moral e a unica fonte do desenvolvimento e existencia do genero humano, revestido daquelles attributos que a razão nos aponta como necessarios para a realização da ideia primaria e divina que presidiu á criação do homem.

Superfluo é indicarmos em concreto as multiplas circumstancias da vida em que o filho tem absoluta necessidade de um socorro de seus progenitores, que porem, não podem dispensar-lhe, se os desune a espada do amor e casamento livres.

Este socorro confunde-se muitas vezes com essa vida perfeita de sociabilidade e com essa digna e elevada philosophia de educação completa, que consagra os dias d'uma familia e diviniza as mutuas relações e convivencia de um lar.

E' forçoso dedicar á ideia de familia humana uma concepção digna do valor real e objectivo que ella exprime.

Não aviltemos o respeito e auctoridade da primeira e mais sagrada sociedade juridica e independente com o desmembramento natural e instinctivo de um covil de irracionaes, que apoz dois dias de existencia, se desconhecem, rasgam e hostilizam.

Não confundamos a união moral e esse amor divino e quasi imaginario que

prende dois legitimos esposos e entrelaça um grupo de creanças entre si e seus maiores, com a attração amorosa e a tendencia sexual vivamente apaixonada de dois individuos, porventura inconscientes, abjectos e grosseiros que mutuamente se mystificam com uma violencia de parte a parte libidinosa, indigna da natureza racional que os reveste.

São desnecessarios aqui os subtis arrastados. Basta um são criterio moral, que, lobrigando um pouco mais alem da materia e do deleite, distinga as supremas aspirações da consciencia humana, os altos destinos da familia e o ultimo desiderato da natureza racional, reproduzida na inumeravel multidão que é a humanidade.

E' á sombra d'estas considerações superiores, que o matrimonio se impõe como um contracto que não partilha das vicissitudes das combinações civis, e que a indissolubilidade deixa de ser um phantasma negro que constrange a liberdade e o desenvolvimento perfectivo do ser consciente e intellectual, para se impor a todo o matrimonio, não só como uma conveniencia, mas como uma absoluta necessidade.

Salve-se a prole, que a isso tem direito por Deus e pela natureza. E se só a familia intacta e unida a pode completar, não se corrompa este delicado instituto, que é o que mais vigorosamente interessa á vida social.

A dignidade fundamental da familia, consiste, sem duvida, na contrariedade que ella deve suster de todas as relações sexuaes illicitas. Consiste no respeito pelo principio de indissolubilidade e na sua consagração pela religião.

Se porem, num caso concreto, seja porventura, impossivel a obtenção do fim do matrimonio, ou até a plena satisfação de amor e mutua convivencia dos dois conjuges, será preferivel conquistar a felicidade d'estes pelo divorcio, a sacrificar-os a uma tetrica existencia de dores e odios durante toda a vida?

N'esta questão não pode haver meio termo: ou a indissolubilidade do matrimonio se admite com todo o seu character absoluto, ou fica condemnada, concedendo contra ella uma só excepção que seja.

Admittir o divorcio sómente no caso de adulterio ou de dissensões entre os esposos, como desejam os oppugnadores da estabilidade matrimonial, seria chamar muitas pessoas ao adulterio e á desunião para obterem a dissolução do vinculo conjugal.

Tal medida originaria, além do augmento do numero de adulterios e odios, visto na hypothese serem estes a causa legitimante do divorcio, a inevitavel successão de males sociaes, que a experiencia mostra serem inherentes a esta degradante instituição, que, começando pela ruina da familia, estende gradualmente seus estragos a todo o corpo social.

Sacrifique-se pois, por infelicidade, um par que se hostilisa a si mesmo, para defender o resto das familias do bicho roedor do divorcio.

Se em qualquer lar a felicidade dos paes deve ser por direito victima da felicidade dos filhos, seja no supracitado a felicidade d'uma familia victima da de todas as outras.

Dissemos já que o fim principal do matrimonio não reside nos esposos.

O casamento é para o filho. Portanto, a felicidade ou infelicidade dos paes constituem accidentes que não se relacionam com a essencia do casamento e que em nada alteram a validade do contracto.

Se pois, a desventura lhes cobre a vida conjugal de sombras e dores, devem, como tantos outros, supportar a sua infelicidade.

E' uma vida desventurosa?

Quantas outras o não são? A vida do mancebo que, para occorrer ás necessidades de sua mãe e de seus irmãos ainda tenros, renuncia a fundar por si mesmo uma familia, se desfaz das garantias que lhe dis-

pensava uma sociedade bem dirigida ou dos lucros d'um negocio fecundo e progressivo, não será humanamente uma vida desventurosa?

Entretanto, ninguem pensa em censurar a sua coragem, ninguem lhe recusa a admiração. Na verdade, se antes de salvar a vida precisamos primeiro de cumprir o nosso dever, com maior razão devemos preferir o dever á felicidade.

E' o bem publico que reclama a renuncia do bem particular.

São estes infortunios conjugaes que exigem uma grande prudencia, estudo e seriedade na combinação do matrimonio.

Ademais, ainda estes são evitaveis pela separação das duas metades, sem contudo, serem garantia de novo casamento.

O direito e a religião são unanimes em legitimal-a.

Bem comprehendeu o christianismo estas verdades e conclusões, quando impoz ao homem o preceito da perpetuidade do matrimonio.

Confirmou com a auctoridade divina do seu Fundador a voz da natureza que promulgava com eloquencia invencivel este mandato juridico.

Erroneamente portanto, se coadunam os governos impios para banir do lar domestico a maravilhosa ideia da indissolubilidade conjugal, destruindo com o flagello do divorcio o sanctuario dos affectos mais puros e maculando toda a sublimidade d'esse agregado moral que é a familia.

Se por uma parte, a liberdade dos esposos não soffre, por outra, o desenvolvimento e formação completa da prole exigem com legitimo e irrefragavel direito que o matrimonio não seja despido d'esse laço de unidade e estabilidade que é a lei fundamental que a natureza e a religião imprimiram na vida intima da familia.

A. P.

REFORMA DÃ MUSICA RELIGIOSA ENTRE NÓS

Falta de solida e racional educação e criterio religioso-artistico

PARECE-NOS que em paiz nenhum ha-de ser tão difficil reformar a musica liturgica como em Portugal.

Alem das causas geraes que influiram e influem deleteriamente n'este ramo do culto catholico, dão-se, no nosso paiz, factos peculiares, que determinam a degeneração da arte sacro-musical, factos quasi desconhecidos nas outras nações, e cá bem pouco ou nada apreciados.

Porque é que, tendo acompanhado a marcha da musica religiosa e liturgica até á sua decadencia paralelamente com as outras nações (porque é certo que tivemos compositores de grande merito e estudiosos da liturgia catholica), hoje não as seguimos no caminho de renovamento, em que a Italia, a Allemanha, a França, a Inglaterra e a nossa visinha Espanha francamente teem entrado?

Não é muito difficil responder a esta pergunta.

E' que a nossa educação religiosa, -- que influe directamente na musica, -- é mais deficiente do que em qualquer dos outros paizes, incluindo mesmo os protestantes.

A religião em Portugal soffreu uma grande depressão no seculo passado; a educação resentiu-se funestamente d'esse facto, e até agora varios preconceitos enraizados em todas as classes sociaes, desde as mais ignorantes ás mais illustradas, até mesmo no clero nacional, não foi ainda possivel arrancaral-os.

Quanto ao nosso assumpto, não precisamos de provar que ha contra a musica liturgica o preconceito de que ella escurece o brilho das solemnidades religiosas, é pesada, somnolenta, monotona, insipida e enfadonha; que o *Canto gregoriano* (confundido sempre e ignorantemente com o *Cantochão*) não é estudado por quasi ninguem — iamos a dizer por ninguem absolutamente — e é antipatico aos pseudo-artistas do nosso meio (1); que por mais modesta que seja uma tentativa de remodelação de costumes n'este particular, ha-de sempre embarrar em taes obstaculos de opposição ou obstrucionismo, que fatalmente sae gòrada.

Analisámos nos numeros passados duas grandes causas da decadencia da musica nos templos: a *influencia da arte profana*, e a *perversão das festas religiosas*. Ambas influem geralmente em todos os paizes, mas nenhures como em Portugal, onde o terreno está perfectamente preparado para lhe soffrer a influencia.

Falta cá a educação religiosa sufficiente para nos orientar; fomos nascidos e creados n'um meio onde os miasmas corrompiam a atmospherã e o ambiente do santuario, e nos pegaram o estrabismo artistico

(1) Tambem se diz que é muito difficil arranjar um côro para a musica liturgica e canto gregoriano; como se fosse facil arranjal-o para outras musicas que para ahi se cantam a tres e quatro vozes com grande instrumental etc. etc. etc....

deploravel e fatal, de que soffremos. Cá a religião não é estudada; observam-se e cumprem-se os seus preceitos, no meio do nosso bom povo, tradicionalmente; e pelas classes superiores por uma rotineira inconsciente, fundamentada muito em convenções, pouco em convicções; a religião é uma for-

dade e decoro dos actos do culto. A engrenagem da igreja catholica é desconhecida de quasi toda a gente, que alimenta (sem pensar n'isso) graves erros e falsas opiniões em questões religiosas.

Pois, como não ha-de communicar-se tal desvio á musica do culto, n'um meio



DEPOIS DA FESTA

mula, um quê a que fica mal faltar; entre nós não passa d'isto; consulte-se a bibliographia nacional hodierna para ficarmos convencidos de que o estudo profundo da religião está bem pouco representado.

As festividades guardam ainda o cunho de popularidade, mas já perderam a serie-

em que reina tão chata ignorancia, ignorancia atrevida e pedante?

Segundo os principios basilares, que regem o criterio musical religioso, ainda geralmente acceito, *da per tutto* temos de convir no seguinte :

I.º A solemnidade está na razão directa

do tamanho das peças de musica que se executam,

2.º do numero de solos kilometricos que se cantam,

3.º Da força acustica que encher o ambito do templo por mais desenfreiada que seja, e infernal a gritaria,

4.º Do preço inherente á missa que se cantar. E assim, por exemplo, as missas do nosso grande compositor Francisco Norberto dos Santos Pinto andam catalogadas d'este modo: *missa de oito tostões, de quinze tostões* etc... etc... etc...

5.º A polyphonia puramente vocal não é admissivel, nem mesmo na semana santa.

6.º Festa onde entre unicamente o orgão acompanhando as vozes, perde a solemnidade.

7.º O canto gregoriano é insuportavel; um musico (que se prese) não o canta nem estuda; pertence unicamente ao clero. (I)

8.º Emfim, desculpem os leitores pôr aqui uma nota grotesca, mas o certo é que, principalmente nas freguezias rurais, a solemnidade da festa é aferida pela animação do arraial, pelo estralejar dos foguetes, e pelo numero de luzes e profusão de flôres etc... (2)

Exageramos?...

Não ha nada mais opposto á reforma que pretendemos do que taes principios, que ainda governam por ahi fóra.

E, para dizermos toda a verdade, não é propriamente do povo, é dos artistas que nos vem a mais forte opposição. O povo,

(1) A este proposito recorde-me de ter ouvido disparatar dois sandeus: um era um novel compositor que dizia muito a serio: *ainda que me dessem milhões, nunca eu comporia no estylo de Bach*. Outro era um pintor ainda novo, que se glorificava de nunca ter posto os pés em museu algum, apesar de estar muito tempo em Roma.— Lavignac — *L'education musicale*.

(2) Quem não tem ainda ouvido avaliar assim uma festa: *Aquillo é que é uma festa estrondosa! V. Ex.ª não faz ideia; todos os annos ha lá pancadaria de moio!!!...*

embora ignorante, assim como distingue uma sala de jantar d'uma cozinha, uma igreja de um theatro, uma loja de um quarto de dormir, tambem distingue entre musica digna e indigna do templo, embora não atinja as pequenas minudencias. Mesmo o canto gregoriano se fôr bem executado, não desagrada, e o unico que encontram na musica liturgica, como algumas vezes temos ouvido, é ser um tanto *mais triste*, mas reconhecem-lhe seriedade e acham-na bonita. Com os cantores é que é a lucta; esses querem fazer reclame á sua voz, querem cantar *a solo*, fazer acrobatismos nas *cadencias* e outras aberrações, com as quaes não se compadece de forma alguma a liturgia — a unica lei que rege os actos publicos do culto.

A vida nova (perdõe-nos a politica utilisarmo-nos do seu dictionario) é impossivel emquanto esta pseudo-educacão não desaparecer.

Emquanto os compositores de musica sacra ignorarem os principios d'essa lei, e a significacão das ceremonias religiosas, e até o sentido do texto, que pretendem pôr em musica, e mirarem mais á aura popular e a satisfazer o mau gosto da multidão, do que ás leis ecclesiasticas, escusado será esperar a cura d'esta chaga, antes lavrará e agravar-se-ha cada vez mais.

O compositor de opera gasta muito tempo em estudar o seu *libretto*, estuda a historia dos seus personagens, procura adivinhar o seu caracter e psychologia para lh'a traduzir adequadamente. Aldega, notavel compositor italiano, apezar de ter sacrificado nos altares da decadencia, consultava os sacerdotes e pedia a traduçãõ do texto que pretendia pôr em musica.

Diz o grande professor de harmonia do Conservatorio de Pariz na obra já citada: «O conhecimento do latim não é necessario absolutamente, aos que se sentem inclinados para a musica religiosa. Todavia, como facilita e esclarece todos os estudos

«litterarios, devemos recommendar o seu «conhecimento a todos. Porém quando esta «lingua morta serve de texto, é indispensavel «vel possui-la, porque não é possível pôr «em musica e accentuar devidamente uma «phrase, cujo sentido não se comprehende «palavra por palavra, ou palavras cuja accentuação longa ou breve não se conhece. Não só é preciso, portanto, n'este caso «saber o latim, como tambem as regras espeziaes da prosodia latina.» (1) «Aquelle «que não estuda a fundo o texto das peças «liturgicas, nem se sente possuido da inspiração que despertam os affectos e as «sublimes verdades, que nos officios divinos são cantadas, vivendo n'um ambiente «accentuadamente liturgico, [difficilmente «comporá musica sagrada, no rigor do termo, e com os dotes que lhe são peculiares: «*Santidade, bondade de formas e universalidade.*» (2)

Os compositores que vivem da musica, como d'uma industria e que não tem principios e illustração solidamente religiosa que lhes insinue o que seja a musica sacra, hão-de ser sempre victimas, talvez inconscientes d'essa falha, que elles nem ao menos, está claro, notam, e que vae macular originariamente todo o seu trabalho.

Para se ser compositor religioso é imprescindivel o conhecimento theorico e pratico da religião, dos seus dogmas, da sua moral e dos seus ritos.

Mas a educação atribiliaria que nos orienta tambem influe em pessoas piedosas; para essas devemos notar, que nem toda a musica séria é por isso sacra; e assim mesmo diremos das composições que tem só a boa qualidade de evitar a repetição de palavras, ou de não provocarem o riso. Tambem não o é só pelo facto de fazer rebentar lagrimas e excitar

o entusiasmo, influindo magicamente nos sentidos, como succede a alguns temperamentos que amolecem com o *tom menor*. A musica que tiver só essas qualidades é tão digna do cultô como a melodramatica. Alimentaremos com ella a piedade sensualista, sentimental, amorosa, afeminada, e mole, mas nunca a virilidade e seriedade que no altar tornam dignas as ceremonias religiosas.

«Visitábamos, no ha mucho, en compañía de un artista extranjero, el Museo «del Prado, de Madrid. A poco de entrar «en aquel riquísimo templo del arte pictórico, detúvonos Murillo ante dos de sus «magníficas *Concepciones*. Transcurridos algunos minutos de observacion, nuestro «compañero nos dice con cierto ademán «que patentizaba á maravilla su pensamiento: «*Pinturas admirables, si, las de esas «dos Concepciones; pero la una representa una mujer y la otra una Virgen.*» (1)

Tal é o defeito d'essa musica apreciada por certos temperamentos doces e afeminados; não é musica estrondosa, nem irreligiosa, não; mas enerva o coração, engan-o com um sentimento doentio; deixem-me assim exprimir: é uma musica sem convicções, doente, sem vigôr, e tambem sem logar adequado dentro da igreja durante as cerimonias religiosas.

Não é solemne o canto dos psalms? Não são tristes e sentidas as melodias das lamentações de Jeremias? Não é jubiloso o *Exultet de sabbado Santo*? Não é jucundo o canto dos hymnos ou sequencias?

E ha alguma parecença entre essas seculares melodias que realçam o texto, a que a igreja os aplica e ess'outra musica que vimos censurando?

Que respondam aquelles que estudam, e que já tiveram o prazer de as ouvir bem executadas, sem desprimor, sem aborrecimento ou tedio.

(1) A. Lavignac, op. cit. cap. III L'étude du chant.

(2) *Qué es el canto gregoriano?* -- Por um Padre Benedictino del Monasterio de Silos (Burgos).

(1) *Qué es el canto gregoriano*, já cit. cap. I.

Esse cantar longe de ser afeminado e mole, despertará a alma para regiões novas, cria uma atmosphera de bem estar no templo, onde tem o seu lugar proprio, dá unidade ao culto, e faz orar. E' nobre.

E' necessario pois, procurarmos destruir o nosso velho modo de ver, filho do nosso meio, é imprescindivel sabermos o que é o culto e o que é a sagrada liturgia, e não escrevermos ignorantemente para a igreja como para o salão. O criterio para compormos o nosso programma deve accusar um espirito culto, longe de pedantismo, de presunção e dependencia do juizo desfavoravel, que por ventura ha-de fazer d'esse programma um publico ignaro e desconhecedor das leis que nos regem.

Isto porem não significa que andemos aos saltos da musica *buffa* para o *Cantochão*, ou d'um *solo lyrico* para um *libera me*.

Ha um caminho por onde não ha perigo de quedas; a primeira *étape* é estudar essas leis. Deveria haver no nosso Conservatorio um curso de musica sacra, pois que é uma necessidade que ninguem desconhece. Percorrêmos o programma official de esse estabelecimento e não lobrigámos coisa alguma que se relacionasse caracteristicamente com a musica sacra.

O programma de estudos (que extraiamos da obra de Lavignac já citada n'este artigo) no Real Conservatorio de Lisboa, e que o auctor diz ser *o mais completo que possa desejar-se* (!) é o seguinte:

Composição, contraponto e fuga, harmonia, acompanhamento ao piano, partitura, transposição, teoria e solfejo; — Canto, canto theatral, côros. — Arte theatral, declamação lyrica, tragedia, drama, comedia, farsa.

— Dicção e declamação, recitação, estudo de partes, mimica, indumentaria, gymnastica theatral, esgrima. — Piano, órgão, harpa, todos os instrumentos da orchestra classica, trombone, saxofone, cornetim, musica de camara, orchestra. — Historia da musica e litteratura, historia universal e nacional, historia do teatro antigo e moderno, poetica, psicologia, grammatica geral e estetica, leitura, geographia, litteratura geral e portugêsa. — Lingua italiana (obrigatoria para todos os alumnos de canto e composição).

A' parte as materias que são communs tanto á musica sacra, como á profana, não vemos n'este programma referencia alguma propriamente áquella. Verdade é que se falla no órgão, mas isso é letra morta, porque no Real Conservatorio de Lisboa nem ao menos ha órgão para os concertos que se dão n'aquella casa; e a aula d'istoria e estetica da musica tambem ainda não abriu.

Tal é o estado de adeantamento em que se encontra cá o estudo de musica sacra.

Se alguem quizer dedicar-se a elle, ou ha-de ir ao estrangeiro, ou então resignar-se a gastar enormes quantias em compra de livros, e a estudar por si só, sem garantia segura do resultado proporcionado aos seus esforços...

Todavia pugnemos pelos bons principios; desterremos da igreja a musica indigna d'ella, e iniciemos ao menos uma epoca de transição para a boa musica, porque... chegaremos tarde, mas... havemos de chegar.

P. ALEXANDRE.

ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA

FÓRA e dentro do paiz a actividade dos *catholicos sociaes* — para usarmos do epitheto por que somos conhecidos — apresenta á consideração do chronista factos de grande importancia que manifestam a pujança da nossa vida e o enthusiasmo crescente com que por toda a parte se propagam os principios da nossa sociologia e se estabelecem as nossas obras sociaes.

Nos paizes do norte da Europa, na Alemanha, na Belgica e na Inglaterra, como ultimamente nos povos de origem latina, as nações historicamente catholicas, accentua-se dia a dia mais nitida e mais determinada a comprehensão da nossa situação actual e trabalha-se de cada vez mais corajosamente pelo triumpho das nossas crenças religiosas.

A victoria dos catholicos vae acompanhando os seus trabalhos, porque na evangelisação em que se fatigam, no apostolado por que se consomem e nas refregas em que se batem com os adversarios, uma perfeita e moderna instrução scientifica e religiosa fêl-os homens do seu tempo, e sahiram a combate com as armas com que hoje se ferem as batalhas, e subiram á cadeira de ensino apresentando um programma de educação que satisfaz cabalmente ás necessidades da hora presente.

Hoje tornou-se trivial falar em questão social. E' um assumpto batido em todas as tribunas, discursado em todas as academias, enfadonho por ser tão repetido que não ha aspecto differente por onde não se tenha estudado uma e mil vezes esse problema que afinal é o problema da actualidade.

Todavia a questão subsiste, e os males, que se acobertaram sob esse distico já gasto, perduram ainda como o virus duma doença

endemica que gangrena a sociedade contemporanea, viciando-a nas ramificações de todos os systemas organicos, nas multiplas manifestações da sua vida.

Obtida felizmente a diagnose do mal, grave sob o aspecto economico, gravissimo sob o ponto de vista moral e religioso, acudiram á sociedade enferma na esperança de apresentar os melhores elixires os sociologos e os economistas de systemas oppositos, que se teem disputado a gloria de ter encontrado a verdadeira panacea dos males sociaes.

A sociologia catholica interveio tambem.

Com o fim primario de restabelecer a moralidade postergada e firmar a doutrina do seu Evangelho religioso, a Igreja propoz como remedio o seu evangelho social e o seu programma economico, e tomando um sabio termo medio entre as tendencias oppostas liberaes e socialistas, acudiu ás necessidades temporaes da sociedade para a sanar do mal religioso.

Conseguiu-se o fim alvejado. O operariado, a classe dos burguezes e dos proletarios, onde o mal mais se fazia sentir, vai-se approximando da Igreja, e o movimento democratico, que é uma reacção inevitavel da nossa epoca, começa a operar-se em torno do catholicismo.

O trabalho social dos catholicos é feliz, porque é o unico modo de trabalhar que se adapta ás exigencias do momento historico que atravessamos.

Hoje — como disse em Düsseldorf o Dr. Brauns citado na nossa ultima chronica — a melhor apologia da nossa fé é a apologia do facto social.

O trabalho no terreno social traz como resultante necessaria o lucro no terreno re-

ligioso, porque infallivelmente os beneficiados pela nossa proteção social tornar-se-ão doces á nossa educação religiosa, em que aquella se baseia e tem razão de ser.

Quanto a nós, os catholicos portuguezes, é certo que alguma coisa temos feito neste sentido, e embora caminemos talvez em ultimo logar, não estamos comtudo refratarios ao movimento social dos catholicos das nações latinas.

Temos o nosso quinhão no feliz advento da democracia christã, que no norte e no sul da Europa surge ninbado duma aurora de encantadoras esperanças, e na sua historia peculiar relativa ao nosso paiz só nós temos trabalhado pelo seu desenvolvimento.

Haja vista o **CONGRESSO DA COVILHÃ**, o ultimo facto de mais sensacional recordação na acção social a que nos temos votado.

E' um facto consumado, e porisso mesmo sujeito á analyse da critica, mas a que a critica tem sido favoravel, como sendo um facto de verdadeira importancia e brilhantes resultados.

Não entramos na sua pormenorizada descripção, porque foi summamente fiel a imprensa catholica, quando a seu tempo consagrou a esse fim largas columnas nos jornaes e nos hebdomadarios de provincia.

Não queremos tambem fazer extensas considerações, a que o assumpto se proporcionava felizmente, porque é assaz conhecido o bem que á acção catholica póde fazer e cremos que fará essa luzida reunião iminentemente pratica onde á illustração dos congressistas se alliou a boa vontade de servir o paiz.

Do brilhantismo das sessões publicas falam os primorosos discursos de homens de estudo, de conhecidos publicistas, de catholicos convictos.

Do trabalho das sessões particulares, da bôa orientação dos congressistas, da illustração das commissões dão sufficiente prova as conclusões votadas no congresso, tão

concisas como importantes, em numero bastante reduzido, ao contrario do que se costuma fazer entre nós, mas algumas alli mesmo postas em pratica e todas duma necessidade inãdiavel e com probabilidades de serem em breve um facto realiado.

Este character das conclusões votadas tem para nós toda a vantagem do congresso e é só nellas que lhe conhecemos o valor, porque alli começou a realisar-se o fim destas assembleias geraes das aggregações catholicas: a organização das nossas forças no terreno social.

Será um facto consummado? Parece que sim.

Mas que o não seja? Um consideravel atrazo por certo, mas todavia o passo mais adiante que temos dado n'esta materia.

Reproduzimos essas conclusões, cuja simples leitura revela a importancia e o trabalho que lhes tributamos.

ORGANISAÇÃO SOCIAL

ARTIGO UNICO

E' instituida a obra dos Congressos Catholicos, afim de empregar todas as energias catholicas do paiz n'um esforço commum.

A) A obra dos Congressos dividir-se-ha em quatro grupos: a) Acção religiosa — b) Acção social — c) Instituições de beneficencia — d) Juventude Catholica.

B) Para dirigir esta obra, é creada uma commissão central que, no proximo congresso, dará conta dos seus trabalhos.

C) Esta commissão será composta de um presidente e um substituto eleitos, com a faculdade de aggregar os collaboradores que forem necessarios; de cotejar todos os trabalhos dos anteriores congressos, aproveitando o que fôr conducente ao fim que nos propomos; e de crear a receita indispensavel.

D) A commissão central terá plenos poderes para organizar os trabalhos do modo que julgar mais conveniente.

E) Afim de evitar os inconvenientes que surgiram em outras partes, a obra dos congressos observará sempre a mais absoluta submissão á Auctoridade Ecclesiastica.

A comissão de estudos da Organização social, nomeada pelo actual congresso, propoz para presidente o snr.

DR. SOUZA GOMES
lente da Universidade de Coimbra

e para substituto o snr.

DR. MANUEL MENDES DA CONCEIÇÃO SANTOS
Vice-Reitor do Seminario da Guarda,

que foram approvados por unanimidade.



DR. SOUZA GOMES

DISPOSIÇÕES GERAES

I — O congresso faz votos para que em todos os Seminarios do paiz se criem cadeiras de hygiene e sociologia, comprehendendo o estudo das associações humanitarias sempre com caracter pratico.

II — O congresso resolve :

a) recommendar insistentemente a fundação de Conferencias de S. Vicente de Paulo aggregadas ao conselho superior, nas parochias, Seminarios, collegios e em cada um dos circulos catholicos.

III — Que a beneficencia exercida para com os socios das aggremações populares seja por

zelosa visita semanal domiciliaria, feita pelos membros das respectivas direcções, especialmente escolhidos para esse fim.

IV — O congresso reconhece a necessidade da mais larga propaganda das doutrinas da democracia christã, por meio da palavra e faz votos para que a comissão central crie um grupo de conferentes que vá espalhar o nosso programma, defender as legitimas aspirações do operariado e sustentar galhardamente as verdades do Evangelho em qualquer ponto do paiz e em toda e qualquer opportunidade.

V — O congresso reconhecendo que o patronato é o complemento educativo da escola e a mais fructuosa preparação dos Circulos, faz votos para que ao lado das escolas catholicas e dos Circulos Operarios se instituem patronatos para a formação integral dos jovens.

INTERESSES LOCAES DA COVILHÃ

O congresso vota pela organização immediata d'uma *Casa de Trabalho*, funcionando tambem como Bolsa de Trabalho, na Covilhã, e para execução d'isso, abrir desde já uma subscrição, deixando ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo-Bispo da Guarda a missão de crear o grupo organizador dos estatutos e da montagem da instituição.

Como se vê, o congresso covilhanense ao tratar da organização social tentou modelar-se pela extincta Obra dos Congressos italiana, cuja estrutura e até cujo titulo copiou escrupulosamente.

O modelo em si mesmo, como obra de direcção central e vinculo das energias catholicas num esforço commum, como se exprime o congresso, não é desprezível, é até verdadeiramente imitavel.

Dirigida por homens da intelligencia e cotação de Toniolo, Medolago-Albani e Conde Grosoli, a obra dos Congressos de Italia deu proficuos resultados, e a não se ter desmembrado a si mesma com as dissenções que a dividiram, seria ainda hoje uma obra florescente.

Neste ponto ainda nos serve de exemplo, mas triste exemplo que pede as nossas atenções para que não succeda que, decor-

ridos poucos annos, um brilhante congresso, como o de Bolonha de 1903, dê por terminada uma obra que hoje começa.

Para evitar estes inconvenientes o congresso da Covilhã preceitua á obra dos congressos a mais absoluta submissão á Auctoridade Ecclesiastica, representada unicamente no Papa, que sobre a acção social dos catholicos tem fallado em innumeradas encyclicas, e nos Bispos que o substituem nas respectivas dioceses.

O ponto é de culminante importancia na acção catholica de todos os paizes, e falla por nós a historia destes ultimos annos, em que o esquecimento deste artigo fundamental do nosso programma tem dado por resultado funestos acontecimentos.

Sobre isto, o congresso conferiu á eleita commissão central plenos poderes para organizar os trabalhos do modo que julgar mais conveniente.

A medida é justa e indispensavel, porque nem se comprehende uma direcção sem o poder de dirigir. Todavia d'este postulado da razão deve seguir-se, como corollario não menos logico, a acquiescencia dos dirigidos ás instrucções que a direcção houver por bem subministrar-lhes. Aliás seria apenas nominal essa quasi auctoridade agora commissionada, e as dissensões, que buscamos reprimir, seriam inevitaveis.

E' claro porém que este assentimento, que exclue as desavenças contraproducentes, não suprime os sabios conselhos, as advertencias opportunas que as circumstancias reclamem e a prudencia aconselhe.

A commissão nomeada tem a instrucção necessaria para o comprehender e crêmos poder esperar d'ella o desenvolvimento feliz da obra que o congresso tentou edificar.

N'esse desenvolvimento está em primeiro plano a creação da *Juventude Catholica Portuguesa*, que unida ás corajosas juventudes francêsa e italiana formasse uma In-

ternacional de jovens catholicos, a vanguarda da nossa acção social.

Está lançado o germen d'essa futura *União* no Centro Academico de Democracia Christã de Coimbra.

Uma intensa propaganda pela palavra e pela imprensa, que vise este fim, aggregará a esses jovens academicos os estudantes catholicos das cidades do reino, e a União estará formada.

Para tudo isto e para a propaganda geral das nossas doutrinas e das nossas obras, o congresso da Covilhã foi ainda feliz na escolha do meio mais apropriado, qual é a criação d'um grupo de conferentes que se deem ao proficuo trabalho de leccionar em qualquer ponto do paiz o nosso programma social e religioso.

Este meio é seguido no estrangeiro, sobretudo na Belgica, e emquanto não podermos realisar entre nós as Semanas Sociaes, divulgadas nos outros paizes, os conferentes no exacto cumprimento do officio de que voluntariamente se encarregaram, substituirão essas escolas ambulantes de sciencia social.

O futuro congresso de Braga dirá da justiça e estudará a obra do congresso da Covilhã e veremos então á luz dos factos se as suas disposições praticas constituiram um mallogro tão consideravel, como era importante a sua realisação, que por ora vemos felizmente iniciada.

*

Fóra do paiz os catholicos tem-se reunido tambem com fins diversos em assembleias numerosas com a assistencia de muitos Prelados, e nas suas reuniões chegaram a conclusões importantes.

Baste-nos recordar a *Assembleia da Boa Imprensa de Saragoça* em que se reuniram 7000 catholicos, a *Semana Social de Marselha*, de 21 de julho a 2 de agosto, presidida por Henry Lorin e em que discursaram o Cardeal Andrieu e varios bispos

francêses, e finalmente as duas *Semanas Sociaes de Brescia e de Palermo*, promovidas pela União Popular Italiana nos primeiros e ultimos dias de setembro.

Não é possível fazer uma relação completa d'estas reuniões semanaes e muito menos apresentar o extracto de interessantes assumptos que leccionaram homens versados em materias sociaes, como Antoine, Lorin, Boissard, Pottier e Toniolo.

As *Semanas Sociaes de Italia* foram iminentemente praticas, tratando da questão actual da liberdade de ensino e o problema nacional sempre urgente da questão agricola, que em Italia é tambem a primeira das questões economicas.

Em Brescia houve duas declarações importantes que não nos podem passar esquecidas.

Sobre a importante questão da formação na camara d'um partido politico catholico, o deputado Cameroni pronunciou-se pela negativa, afirmando que no actual momento seria uma coisa perigosa, visto os adversarios não aguardarem outra occasião para declarar guerra aos catholicos, quando é certo que só a paz pôde aproveitar á expansão da acção catholica na Italia.

A essa nobre e ardua tarefa consagram-se exclusivamente a União Popular, tão florescente, e as *Semanas Sociaes*, de tão vasto alcance, e isto é o sufficiente para o triumpho completo do catholicismo.

Pela sua parte Toniolo, consultado sobre a questão do character confessional ou não confessional das associações profissionaes, expoz claramente a sua opinião com a franqueza que lhe é propria.

Esta momentosa questão havia sido discutida em agosto ultimo na primeira *conferencia internacional dos syndicatos christãos de Zurich*, onde se reuniram representantes da Allemanha, Austria, Belgica, Italia, Suissa, Russia, Hollanda e Suecia.

Os Bispos da Hollanda tinham previa-

mente resolvido o problema optando pela negativa e prohibindo a admissão de protestantes nos circulos christãos. O Episcopado allemão pelo contrario resolvera em sentido opposto, tolerando a presença dos heterodoxos.

Em vista de ambas as soluções contradictorias que obedecem indubitavelmente á diferença de circumstancias nas duas nações, a conferencia depois de larga discussão declarou que a divergencia do episcopado bastava para decidir que a questão era livre e que d'ella decidiriam as circumstancias dos diversos paizes.

Todavia, como opinião particular, a Conferencia votou pela criação de syndicatos interconfessionaes politicamente neutros.

Toniolo vota do mesmo modo com o Episcopado allemão e a Conferencia de Zurich, julgando que não ha razão para exigir dos membros das associações operarias que teem um character de resistencia (associações profissionaes) uma declaração positiva da sua fé religiosa, mas que basta que elles procedam em conformidade com os principios moraes da justiça christã, e como consequencia logica, que respeitem a familia e a propriedade.

«E as circumstancias mostram bem — accrescentou Toniolo — que esta solução está em vias de acolher a adhesão de todos os operarios desgostados do socialismo atheu e que é de molde a fazer reconhecer que a moral christã, inspirada pela fé, é a perfeição de toda a condição humana».

Regosijamo-nos immenso com a sentença de Toniolo, auctoridade excepcional nestas materias e de cuja orthodoxia ninguém poderá duvidar. E' esta tambem a doutrina que nas columnas desta revista se tem expellido por vezes, e a unica que nos parece acceitavel em regra geral e particularmente applicavel ao nosso paiz onde, se não ha seitas de outra confissão como nos paizes do norte, ha operarios de doutrina completamente avariada a quem não obs-

tante se deve estender a nossa acção social.

Aos congressos de estudos e actividade sociaes, como em Italia se denominam as Semanas Sociaes, que se realisaram em Brescia e em Palermo, succeder-se-á na segunda quinzena de novembro, como o echo

duma Federação internacional já bem accentuada, a terceira semana social dos catholicos hespanhoes, que se realisará em Sevilha.

Aguardemos esse acontecimento.

C. C.

SCIENCIA & INDUSTRIA

Estrumeira

A questão que sempre mais preocupou a humanidade foi a questão do pão. Hoje sobretudo é a questão por excellencia, e se é impossivel para já dar-lhe uma solução satisfatoria, não o é, aos de boa vontade, concorrerem ainda que seja com um pequenissimo obulo para a debelarem mais e mais. Quando praticamente chegarmos todos á conclusão de que só o trabalho é riqueza positiva, posto a render no seio da

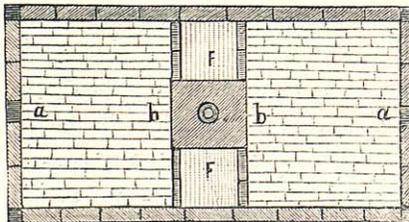


FIG. 1

mãe terra, a questão economica está resolvida; não haverá mais pobres. O ponto é saber pôr esse capital a render, segundo os mais racionais processos modernos. Não os vou expôr, é claro, nem isso seria possivel aqui; apenas apontarei um pequenino meio pelo qual os pequenos lavradores, e tambem os grandes, podem tornar mais fertes as suas terras, o que já é muito.

As terras, geralmente cansadas e empobrecidas por muito repetidas e excessivas culturas, só a poder de grandes doses de estrume e outros adubos pôde dar produções remuneradoras, além de outros trabalhos e grangeios que todas requerem. Dos adubos fallaremos noutra occasião, hoje só trataremos do estrume e do modo de o preparar.

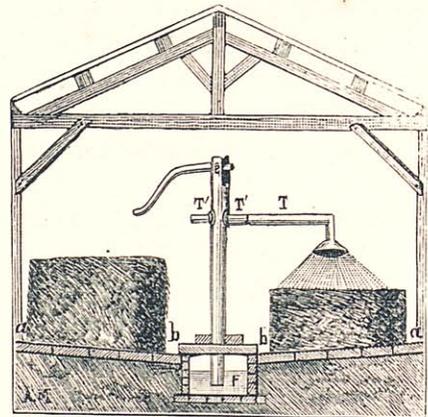


FIG. 2

Não é o estrume que alimenta as plantas, mas sim um certo numero de substancias que elle contem, as quaes só são absorvidas pelas plantas depois de previa preparação. Este é o fim da estrumeira: preparar as substancias chimicas contidas no estrume para que possam ser utilizadas pelas novidades.

A estrumeira é o logar onde se prepara

o estrume, e onde se realiza a sua fermentação, antes que seja empregado na cultura. Deve ficar longe das habitações ou dellas separada por uma parede, para o seu mau cheiro não prejudicar a saúde. O pavimen-

3.^a e 4.^a o plano é um pouco inclinado aos lados, sendo os liquidos recolhidos n'um pequeno poço que tambem fica a um dos lados, pelo rego que está em volta da estrumeira. Os liquidos aqui são levados para cima da estrumeira por meio de cabaço (fig. 4.^a), as quaes particularidades torna este modelo talvez o mais practico á maioria dos leitores.



FIG. 3

to da estrumeira deve ser plano, e um pouco inclinado e impremiavel, isto é, não deve beber os liquidos do estrume. Pode tambem ser de lageas ou de cimento. Em volta deve ter uma caleira ou rego que vá dar a um pequeno poço que fica ao lado. Este rego serve para apanhar os liquidos que escorrem do estrume, juntando-os na cova, donde com baldes ou cabaço se tiram muitas vezes para regar com elles o estrume.

A fig. 1.^a mostra o plano da estrumeira, com o poço ou fossa no meio, para onde escorrem os liquidos do estrume, pela sua pequena inclinação no sentido *a b* como melhor se vê na fig. 2.^a Os liquidos reunidos na fossa são levantados por meio de uma bomba muito simples e levados pelo tubo **T** que é movel, e pode adaptar-se em **T'**, ora para cima de um ora de outro monte. Nas figs.

O estrume nunca ha de apanhar sol nem chuva. Para isso necessita um telheiro ou tecto que o resguarde. Esse tecto pode ser de colmo ou palha, com tanto que vede o sol e a chuva. Os lados que possam dar entrada ao sol devem tambem ser resguardados com sebe.

Com a estrumeira nestas condições, o estrume pode augmentar-se muito não só em qualidade mas em quantidade. Em qualidade,

porque nem a chuva lhe rouba as substancias fertilisantes, lavando-o, nem o sol, queimando-lh'as. Em quantidade, porque não sendo propriamente o estrume que



FIG. 4

fertilisa a terra, mas certas substancias que elle contem, e existindo essas substancias em muitas outras materias que deixamos perder todos os dias, e que tanto podiam

beneficiar a terra sendo devidamente preparadas, não ha mais que juntal-as ao estrume dos curraes e submetel-as a uma fermentação e preparação devidas, para deste modo augmentarmos os estrumes de que tanto carecem as terras.

As pilhas do estrume podem-se assim ir formando durante todo o anno, tirando amiudadas vezes dos pateos, córtes e curraes de gado para a estrumeira, todos os dejectos e immundicies, o que até é de grande vantagem para a saude dos animaes, e juntar-lhe em camadas alternadas a palha e mato que algumas vezes se lança nas vie-las das aldeias para ser triturado e moido pelos carros e transeuntes, os dejectos dos animaes, raspagens e imundicies de toda a casta, mato verde, rama de pinheiro, de tremoços, de grão de bico, todas as folhagens e detritos organicos, (fig. 3.^a) tudo emfim o que possa apodrecer e formar estrume. Tudo isto faz muito bom adubo sendo bem empilhado em camadas delgadas e alternadas com o estrume de curral, tudo bem calcado e regado continuamente.

Nisto está o principal segredo da estrumeira. Nunca se deve deixar seccar, e na occasião da fermentação, que é quando elle começa a aquecer, então são mais necessarias as regas, para que elle não chegue a *arder*, isto é, a fazer-se branco, enchendo-se de bolor. (fig. 4.^a) O estrume nessas condições está completamente estragado, não presta para nada. A urina é a melhor substancia para regar o estrume. Tem tambem o primeiro logar o liquido que porventura escorra do estrume para as caleiras que estão em volta e destas para o poço que está ao lado. Em falta destas servem as aguas de lavagens e mesmo agua limpa. O que é absolutamente indispensavel é que o estrume nunca chegue a *arder* nem a seccar, doutra sorte perde-se e não vale nada.

A cinza, a cal e o gesso é que nunca se devem juntar ao estrume, porque o estragam e enfraquecem. O que se lhe pode

juntar é algum phosphato de cal que lhe augmenta o valor. Todos os outros materiaes que se vão juntando á estrumeira, conforme indicamos, devem-se antes d'isso triturar quanto fôr possível, para assim se realizar melhor a sua fermentação e preparação, ainda que, permanecendo a pilha nestas condições durante dois ou tres mezes, tudo se reduzirá a estrume miudo e capaz de fornecer á terra todos os seus principios fertilizantes.

Empregar o estrume logo que sai dos curraes, como tantas vezes se faz, sem lhe dar a curtimenta devida, como vamos apontando, é um grande erro, porque ficam perdidas mais de oito decimas do seu valor, por falta da fermentação devida, absolutamente necessaria para restituir á terra os seus elementos nobres. Alem d'isso essa pratica torna impossivel o aproveitamento de todas essas materias que indicamos com que se pode augmentar a estrumeira.

Assim formada a pilha e bem calcada, a fermentação é mais effizaz; o ar, que lhe seria muito prejudicial, não pode aí penetrar; as continuas regas impedirão que elle *arda*, abaloreça e se estrague; conservando-se sempre fresco, a curtimenta finalmente realizar-se-á perfeitamente e o estrume ficará miudo, rico, restituindo á terra todos os seus elementos fertilisantes.

No emprego do estrume assim preparado tambem são precisas precauções que muitas vezes se desprezam. E' muito commum levarem para as terras grandes quantidades de estrume, espalhal-o aqui e ali em pequenas quantidades, para mais facilmente o empregarem nos campos. Nestas condições permanece elle muitos dias ás vezes debaixo d'um calor muito intenso de que resulta ficar inteiramente secco como palha. O estrume assim não tem valor nenhum, não fertilisa a terra. E' como se lhe deitassemos uma pouca de palha ou mato secco. O sol evaporou-lhe todos os elementos nobres, matou-lhe todos os germens de

fertilidade. Por isso tendo de transportar para os campos esse elemento tão precioso — o estrume, é preciso empilhar-o de novo, calcal-o muito bem, não o deixar seccar e do mesmo modo livral-o do sol e da chuva. O melhor porem é enterral-o logo, pois é na terra que elle se acaba de preparar para ser utilizado pelas plantas.

Tanto para a horta, como para os cereaes e para a vinha e pomares, é até indispensavel enterrar o estrume nos sitios em que se desejar, não na occasião da sementeira ou quando começa a vegetação como se faz ordinariamente, mas logo no fim do outomno ou principio do inverno; porque sendo tão lenta a sua solução, só assim se fará inteiramente apto para ser utilizado pela novidade. Empregal-o no momento da sementeira é expôr-se a que de nada lhe aproveite, e que quando muito sirva á colheita seguinte, se é que antes não é comido pelas hervas ruins. E' o que succede tantas vezes. Estruma-se bem uma terra para dar uma colheita menos de mediana, seguindo-se não obstante um prado exuberante de hervas damninhas. A causa é ter applicado o estrume na occasião da sementeira e não com um ou dois mezes, ou mais, de antecedencia. A profundidade em que se deve enterrar o estrume deve ser a sufficiente para que o sol o não vá queimar

ainda debaixo da terra, e mais ou menos segundo as exigencias das plantas a que se applica.

Em resumo: A estrumeira deve constar:

1.º Dum plano impermeavel á agua, (fig. 1.^a) rodeado por uma caleira que vá dar a um poço que fica ao lado, fig. 3.^a) ou ao centro, (fig. 1.^a e 2.^a).

2.º De um cobêrto ou tecto de telha ou colmo, que não deixe cahir no estrume nem sol nem chuva, que lhe são muito prejudiciaes.

A pilha de estrume prepara-se:

1.º Collocando em camadas alternadas o estrume de curral, mato verde e todas as raspagens e detritos vegetaes, sendo tudo bem calcado (fig. 3.^a).

2.º Nunca a deixando seccar, sobretudo no periodo da curtimenta, em que se tornam necessarias mais frequentes regas, que não se devem esquecer em outro qualquer tempo que as precise (fig. 2.^a e 4.^a).

3.º Levado o estrume para as terras, não o deixar aí seccar e queimar pelo sol, nem desperdiçar pelas chuvas.

4.º Applical-o á terra, enterrando-o convenientemente, com certo tempo d'antecedencia á sementeira ou ao movimento vegetativo das plantas.

P. D. DA CRUZ.

DIARIO D'UM ROMEIRO

(Aos pés d'uma Cruz)

Dias de sol... e tenebrosos — Treva íntima — O triste poder da treva d'alma — Caminho inútil — O Anjo da Guarda e a Oração — Vida vã — Dôr revolta e horror á Terra — Um monstro — Adulteração das impressões — Caminhar sem andar — Uma sombra — Noite cerrada — Feições doloridas — Soluços — Alguem que se aproxima — Um anjo? — Um amplexo doloroso — A inanidade do homem lívido — A figura branca — Acima da Terra — Lembra-se um cantico do Fingal — Hamlet e Ofelia — Flores á beira da torrente — Quem era o homem lívido? — Quem era a figura branca? — Alvorada generosa.

HA dias tão tristes, apesar do brilho do sol, que nós, no vibrar da alegria mais simples e pura, vemos sempre dôr, treva, agonia convulsa.

Nada nos sorri, nem o sorriso d'um anjo, nem o lucilar piedoso duma estrêla. A treva está connosco' como um véo lúgubre de todô o mármore radioso, de todo o fulgor, por mais hypnótico de limpidez e serenidade.

Mas, afinal, quem se interpoz entre nós e a Natureza, a vaga, mas bella, sombra de Deus?

A nossa propria alma.

O abysmo íntimo tem esse poder fúnebre. E' a projecção d'uma nódoa e empanana a visão do Infinito.

E' impercetível como a ruga d'uma frivola máscara, e ensombra uma existencia, parecendo desagregá-la até da comunhão humana.

E, nesses dias, ou antes nesses minutos trágicos, o que principalmente desconhecemos é o caminho por onde vamos.

Cada passo é uma dôr, mas dôr esteril, que nada nos ensina, porque nem sequer nos habilita a evitar o barranco.

Não caminhamos: despenhamo-nos.

O proprio Anjo-da-Guarda, divino de paciencia, nos fôge da visão dolorida.

A oração aflora os labios, apenas como

a espuma triste d'uma onda que pretendeu cortar a névoa e teve de refluir ao escarcéo impenetravel.

Meu Deus! *Viveremos* nós rigorosamente nesses momentos crueis?

Sem lágrimas, e dilacerados.

Sem ideias, e rebeldes.

Sem sentimentos perfeitos, e com horror á gleba, á argila, ás contingencias do mundo!

Inuteis?

Peor: monstruosos!

Póde perpassar um cantico. Julgá-lo-he-mos uma ironia de fel, um insulto sarcastico, punhal que vóa sobre os musculos flácidos dum peito que não tem já sangue.

Que importa o bálsamo insinuante de uma flor de aroma simples e puro?

O mal é cicuta. A aura é riso sardónico. O perfume é exalação miasmatica e asfixiante.

Mas é então que os mais contemplativos caminham sempre.

Ainda que o caminho equivale tambem sempre á inercia mais crúa.

Temos o passo profundo e incessante do Judeu da lenda.

Andamos, e o espaço nunca é vencido.

Já caminhamos ha muito, e é mesmo agora que principiamos.

Num d'esses dias, me afastei de ao pé

da Cruz, d'olhos no vago, como navio que só póde esperar brumas no seu cortar de aguas tristes.

Quando tive uma semi-consciencia do logar, a noite descia.

Precisamente, quando a minha alma despertava.

E porisso a treva me pareceu mais luminosa do que o dia que morrêra.

A um canto, uma sombra, sombra alta de homem que espera ou vigia.

Nem sequer estremece.

Ha occasiões em que uma sombra suspeita nos parece tão inoffensiva como uma árvore morta, que está de pé por acaso.

Assim então.

Parei e esperci.

*

Entretanto, a sombra deslocou-se, caminhou.

A noite cerrava de todo, e eu via o vulto como que a uma luz sobrenatural.

Vinha para mim com serenidade e eu lia-lhe no olhar estranho a mágua profunda d'um coração.

Não podia distinguir-lhe feições e podia afirmar que aquella pessoa sorria com a amargura de quem pretende occultar a dôr.

Quiz mover-me.

O olhar daquella personagem misteriosa petrificou-me.

Quiz falar.

Um involuntario soluço me abafou a voz.

Perdi então a consciencia de novo.

Um homem livido, frio, me abraçava de encontro ao peito.

Sentia-lhe bater pavorosamente o coração.

E, assim enlaçados, ambos sem uma palavra, vi que, do fundo do vale que defrontavamos, subia alguém.

Figura alvacenta e pequenina.

Uma criança? Talvez um anjo.

E, quanto mais o homem livido me estreitava ao coração, parecendo que os seus óssos me penetravam como punhaes de gè-lo, mais a figura alvacenta subia e, subindo, crescia, tão grande por fim e luminosa, que eu via pequeno e mesquinho o homem livido, que me estava subjugando.

E a figura branca aproximou-se, resplandescente, pura como uma estrêla descida á Terra para subir ao Céu com todas as lágrimas humanas na limpidez da sua grande fotosfera.

Depois, o seu olhar banhou-me até ao coração.

Reparei no homem livido.

Desfazia-se como um capricho de fumo.

A figura branca envolvia-me e, depois, levantava-me.

Sentia-me como que imponderavel.

A noite fez-se dia esplendido.

Não caminhava: voava.

Não chorava: sorria com ancia ainda, mas cheio de esperança e júbilo.

E de repente, perdi de vista a Terra. Rios e montanhas ficaram ao longe, como projêções de velhos maus sonhos.

Livre!

Tranquilo!

Alevantado, como um cantico do velho Tingal acima das florestas tenebrosas do Norte!

Como julguei compreender então a distancia enorme de Hamlet a Ofelia!

Será Hamlet um penitente? Sim, até que a sua alma seja Ofelia. Colhendo flôres á beira da torrente.

Flôres que são esperanças.

Torrente, que é a Eternidade.

*

E então voltei-me para a figura branca e perguntei-lhe:

— Bom anjo, quem era aquelle homem triste e livido?

— Era o Remorso?

— E tu? e tu quem és?

A figura branca iluminou-se toda ainda mais, e respondeu dōcemente:

— A Oração!

E concluiu:

— Caminha agora! Saberás ser bálamo, por isso que, depois de seres Dor, és Fé.

E desapareceu como uma alvorada que não quer demorar a plena luz do Dia, a serena vida da Alma.

PAULO NEÓFITO.

LIVROS, REVISTAS E JORNÆES

Toádas da nossa terra — Trovas portugueſas, ao gosto popular — Versos de *Adolpho Portella*, musica de *Thomas Borba*, desenhos de *Raquel Roque Gameiro*. — Obra aprovada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica para premio escolar. — Depositarios: *José Antonio Rodrigues & Cia* — Rua Aurea — 186-188. Lisboa.

O canto coral entre nós está ainda no berço; e deve-se o seu pouco desenvolvimento a não se encontrar um livro portugueſ, de poesia e musica genuinamente nossa. E é um facto que a origem estrangeira d'um livro n'este genero, mórmente destinado e offerecido ás creanças, é um defeito originario irremediavel. A creança que lê uma poesia, ou canta uma cantiga não gosta d'ella se fôr francêsa ou inglêsa, e muito menos se a musica é de origem allemã. Acha-a muito séria e pesada e não digere aquellas producções septentrionaes. Quer antes achar nas cantigas o sabôr da sua terra, o pomar, o ribeiro, os ninhos, os brinquêdos infantis, com os seus capacetes de papel, caixas de rufo, flautas de barro etc.

Um livro fundido n'estes modelos faz caminho, porque está ao paladar da escôla, e é consequentemente um grande passo para o desenvolvimento do canto coral, e sem o parecer, adeanta a marcha para a boa musica sacra e profana, por via da facilidade que no futuro haverá de formar *scholae cantorum*, nobre desideratum largamente alcançado já, nomeadamente na Italia.

O livro que apresentamos aos nossos leitores é o primeiro que em Portugal se publica n'este genero. — Ha, publicado, o *Cancioneiro de musicas populares*, que é uma collecção de muitas cantigas assim portugueſas, como brasileiras, açoreanas etc., mas destina-se a outro fim muito diverso, se bem que muito digno e nobre tambem. —

Os auctôres das TOÁDAS DA NOSSA TERRA cha-

mam-lhe modestamente uma *tentativa*; todavia parece-nos que constitue um facto digno de registro na educação em geral, e precisamente musical.

Para nós o grande merecimento d'esta obra — resultante dos esforços e illustração de tres artistas de grande merito — está em satisfazer plenamente ao fim que se propozeram: *dizer em portugueſ ás creanças portugueſas o que é Portugal*. Agrada-nos supremamente sentir n'aquellas duzentas e dezoito paginas a vida e as palpitações de Portugal, não francez, nem italiano nem inglez, ou de qualquer forma sob o dominio estrangeiro, mas o Portugal portugueſ.

O Sr. Adolpho Portella, o mavioso auctor do *Paiz do luar* tem o condão de nos transplantar n'um momento ás nossas herdades, campos e varzeas; abre-nos a porta das casinhas da aldeia, e lá á lareira ouvimos os contos das avózinhas aos traquinas dos netos; depois resamos, cantamos, lavramos, choramos e rimos com o nosso povo, nomeadamente com o nosso povo, quiçã mais portugueſ, o povo da Beira.

Berço, embala; berço falla;
andam bruxas pelo ar.

*

Minha avó, com seu fallar
onde irá elle parar?
Berço, embala; berço falla;
andam bruxas pelo ar.

.....

O BERÇO.

*

Casita de pobre
Lareira de altar
Borrallho quentinho
E é tudo a rezar

.....
 Um velho marujo
 Não vae sem contar
 as tristes andanças
 que andou pelo mar.

Dóe-nos não termos espaço para transcrever
 mais largamente poesias tão sentidamente nos-
 sas, tão lindamente portuguezas.

Tem este livro outra bellissima qualidade : é
 atrair a creança á escola, e tornar-lh'a sympatica :



VELHO — ESCULPTURA EM BRONZE DE FERNANDES DE SÁ

E as velhas suspiram
 Baixinho a rezar :
 — Deus guarde quem anda
 Nas aguas do mar.

Lavra-se a terra 
 Germina o pão
 abre-se a escola
 Nasce a razão

*

A escola é seara
 Do nosso pão

«CASINHA DE POBRE.»

A escola é carta
Do cidadão.

«TORRÃO SAGRADO»

Se a poesia é portugueza, não lhe desmente
n'essa boa qualidade a melodia.

O Sr. Padre Borba é escravo da letra; o seu fim é fazer resaltar o pensamento, a ideia poetica na musica; e consegue-o felicissimamente; e como tem estudado o feitio da musica popular portugueza, veste aquellas poesias, e consegue plenamente que a sua musica se torne positivamente uma musica descriptiva, já da maneira popular sem cair na vulgaridade, já das diversas scenas que o poeta descreve.

Entre outras notaremos: FUSO D'OIRO, A PROCISSÃO, OS PASSARINHOS, TOCA, TOCA, O REGIMENTO, AS SENTINELLAS, A ESMOLA DA RAINHA, JORNADA DA INDIA, Á VENTURA, FLOR DA PASCOA, OS TRABALHADORES, CANTIGAS Á REPALHINHA, ROSARIO DO A, B, C, CANÇÃO DO RIBEIRINHO, RUGE RUGE, RIBEIRINHA, DLING-DLING, etc., etc... cantos religiosos para antes e depois da escola, etc.

Divide-se em três partes: *Cantos unisonos*, para duas, tres e quatro vozes, e para canto e piano.

A parte illustrada é uma das riquezas que tornam esta obra mais primorosa.

Oxalá se faça do mimoso livro uma rapida e larga propaganda para bem da educação nacional e satisfação dos seus auctores e editores; porque até materialmente é uma obra quasi de luxo. . . e de industria nacional. *E' um bom livro, e todo portugês.*

P. A.

El Educador Apóstol. — *Su preparacion y ejercicio de su apostolado por J. Guibert, superior del Seminario del Instituto Catolico de Paris.* — Traducción de la decima quarta edicion francesa por el R. P. Anatólin Saturnino Fernandes, Misionero Hijo del Immaculado Corazon de Maria. — Barcelona. — Gustavo Gili, editor. — Calle Universidad, 45.

Em epocha nenhuma, como na actual, se falou tanto na necessidade de acção catholica; é que sentimos nós os catholicos os perigos que nos avassalam. Somos combatidos no campo scientifico, politico, social e até no campo religioso; temos cedido terreno que tinha conquistado a fé activa dos nossos maiores; as nossas filas vão sendo dizimadas pela duvida, e perante este perigo religioso os catholicos de convicções clamam por acção: acção no campo social, politico, religioso e scientifico. Livros varios se teem escripto para orientação d'estas filas de combate;

ha uma brigada porém no nosso exercito, de que depende o nosso triumpho, e que ainda não comprehendeu bem a posição estrategica que devia tomar para nos assegurar a victoria: são os educadores catholicos. E' um batalhão bastante numeroso ainda este; os nossos paes de familia são na sua maioria catholicos, são-no tambem os professores regios das nossas escolas primarias; uma grande parte do professorado dos nossos lyceus, das escolas normaes e industriaes são catholicos e são-no ainda muitos lentes da nossa universidade, e até das escolas superiores; as casas religiosas de educação são numerosas; e apesar d'este grosso batalhão de educadores, o que vemos? Vemos sahir do lar domestico, das escolas, da universidade, do nosso meio, inimigos terriveis da religião que os rodeia, e que lhes foi subministrada.

Um facto mais doloroso ainda assalta o espirito de um apaixonado pela causa da educação: é o toparmo-nos com inimigos encarniçados, que foram educados até aos vinte e mais annos nos collegios catholicos dirigidos por religiosos!

São em grande numero os que antipatisam com os educadores que tiveram no collegio catholico, muitissimos os que não praticam as crengas religiosas em que foram educados, e não poucos os que as combatem. Como explicar este facto bem triste? Facilmente segundo se me afigura.

Na maior parte dos collegios toda a preocupação do pessoal educador é fazer dos educandos uns mestres em todas as disciplinas prescritas nos programmas officiaes, para que o resultado dos seus bellos exames dêem nome á casa onde são leccionadas. O ensino da religião a pouco mais se limita que isto: algumas lições ligeiras de catecismo, e obrigar os alumnos em determinadas epochas a rezar, confessar-se e communhar. Não ha um curso de religião, de apologetica, que acompanhe o desenvolvimento intellectual do educando; ha sim praticas religiosas obrigatorias, ou pelo regulamento ou pelo constante aconselhar de algum zeloso director. Comprehende-se que os educandos cheguem ao fim dos annos e deixem a vida de collegial fartos de confissões e communhões, mas sem convicções catholicas, sem a consciencia do catholicismo. Que admira pois que lançados para outro meio, muito distincto d'aquelle em que viveram se tornem indifferentes, e em contacto com elementos subversivos, combatam as crengas que lhes rodearam a mente até aos vinte ou mais annos, mas sem lhe entrarem dentro, sem se lhe arraigarem na alma, sem se individualizarem com a consciencia!

O presente livro — EL EDUCADOR APÓSTOL — vem prevenir este fracasso, tão commum, nas nossas forças de combate.

Na primeira parte analysa os males actuaes que pôdem arrastar a juventude; a importancia transcendental da educação; a creança em familia, na escola primaria, no collegio, e no ensino superior; como o educador ha-de amparal-a, formar-lhe a consciencia catholica em cada uma d'estas posições e as qualidades, a formação do educador. Chama a esta parte o auctor PREPARAÇÃO e o EDUCADOR APOSTOLO. Na segunda parte põe o auctor o educador em acção no EXERCÍCIO DO SEU APÓSTOLADO, indica as virtudes que devem formar a vida do educando, e o modo de lhe fazer crear sympathia, amor á pratica d'essas virtudes; como em tudo se deve procurar levar o educando pela convicção. Termina este bello livro de 460 paginas, por um extenso capitulo consagrado aos directores espirituaes ou melhor aos confesores da juventude; um trabalho dos melhores que sobre, este assumpto se teem escripto.

Oxalá seja lida esta obra pelos nossos educadores portuguezes: paes, professores, prefeitos e directores de collegios, para formarem um conceito mais claro da responsabilidade que lhes cabe no mal estar da nossa sociedade portugueza, do que podiam e deviam fazer para a melhorarmos.

P. B. RIBEIRO.

Después de la hora nona — Reynés Monlaur.

Narracion de los tiempos apostolicos, traducida de la quinquagesima edicion francesa por Miguel Conta y Llobera, Pbro. Ilustraciones de J. Torres Garcia. Barcelona, Gustavo Gili, editor. Calle Universidade, 45. MCMVIII.

O titulo d'esta pequenina obra diz sufficientemente qual o seu objecto: uma narração dos tempos apostolicos

O sacerdote Gamaliel e sua irmã Susana que ouviram e viram os milagres e palavras de Christo resolvem-se ir levar a *boa nova* aos gentios e escolhem para campo da sua actividade o empório de toda a sciencia de então, Alexandria. No seu caminho encontram Paulo já então convertido que lhes recommenda a caridade. O autor é felicissimo nas palavras que põe na bocca do apostolo tiradas todas das suas epistolas. Despedidos de S. Paulo continuam até ao Egypto onde junto da esphinge encontram um mancebo e uma formosa donzela chamados aquelle Helos e esta Milena, ambos gregos. Helos membro do *muscum* de Autiochia, duvidoso e incredulo nos

deuses pagãos; Milena despreocupada do futuro e desejando unicamente amar o seu esposo. Gamaliel é convidado a hospedar-se em casa de Helos. Chegados á Alexandria, o sacerdote judeu visita com Susana o sabio Philon tambem judeu.

Susana e Gamaliel começam a trabalhar na conversão de Helos, de Milena, da sacerdotisa pagã Hiera e do Summo sacerdote de Osiris, chamado Glauco. O autor descreve minuciosamente as festas e procissões pagãs e caracteriza-as muito bem.

Helos n'uma d'essas festas é cuspidado do seu carro e morre junto do mar depois de ser baptizado por Susana. Milena doida de pena quer que o deus Osiris lhe resuscite o marido, mas Susana, com o signal da Cruz impede esse prodigio diabolico, o que determina uma grande discussão entre a sacerdotisa Hiera e o grão sacerdote. Glauco começa a fallar com Gamaliel e converte-se á vista do martyrio de Susana que recusa adorar a estatua de Caligula, e elle mesmo leva aos hombros o cadaver da martyr até ao palacio de Milena já tambem convertida com a sacerdotisa de Isis, Hiera.

Em toda a romantica narração se desprende aquella fragancia e suavidade que caracteriza os tempos apostolicos particularmente pelo zelo prudente e pela caridade sem limites dos primeiros christãos personificados aqui em Gamaliel e Susana. — A impressão é esmeradissima, e as illustrações typicamente caracterisadas.

P. A.

A Educação christã da Democracia por Ch. Calippe. Collecção «Sciencia e Religião». Tomo XLIX.

A transformação democratica da sociedade tem a grande vantagem de collocar o homem na feliz necessidade de se tornar de cada vez mais homem, exigindo-lhe um mais perfeito conhecimento dos seus direitos e dos seus deveres e uma mais fiel observancia d'elles. Este conhecimento porém, reclama a perfeição da instrucção actual. A moderna educação pela sciencia, que apenas faz gerar um proletariado intellectual tão miseravel como o proletariado da industria, e por uma nova moral solidarista, sem Dens e sem sanção, não pôde de modo algum tornar feliz o advento da democracia.

Só o christianismo que illumina as intelligencias com a mesma fé, e rege as consciencias pelos preceitos d'uma moral immaculada pôde obter esse desideratum. O auctor fere todas es-

tas verdades, mas de passagem. Sobretudo quando quer provar que a educação christã é a unica que convém á democracia — o que afinal é o fim do opusculo — é tão insufficiente que a these quasi fica como se não fosse provada. Não affirmando que se podessem aproveitar melhor para este mesmo fim as noventa paginas do folheto, é certo que o assumpto de tanta actualidade mal cabe em tão estreitos limites.

C. C.

Du culte de la Sainte Vierge dans l'Église catholique. — Pelo *Cardenal J. H. Newman*. — *P. Téqui*, lib. éditeur, 29, rue de Tournon, 29, Paris.

O presente volume é formado por uma longa carta que o auctor dirige ao Rev.º E. B. Pusey para lhe refutar os erros dogmaticos que advoga n'uma obra — *Eirenicon* —. Pusey, constituindo-se o mais auctorizado representante dos ritualistas, esforçou-se por provar na sua obra que a igreja anglicana pertence á igreja universal, á qual está unida, ao menos espiritualmente, e que as doutrinas religiosas d'Inglaterra não se afastam do verdadeiro catholicismo. Incita as duas igrejas a concluir a paz. Entrevê porém, uma enorme dificuldade para esta união no culto que os catholicos prestam a Maria Santissima. Incrimina-o de exagerado, supersticioso e não auctorizado. Reprova pois, com insistencia a Mariologia catholica.

Newman depois de se referir summariamente, mas com logica e seguro criterio á incompatibilidade dogmatica entre o credo anglicano e o romano, dirige toda a sua attenção para a defeza do culto que o catholicismo tributa á Mãe de Deus.

N'esta defeza o auctor soube lançar mão do dogma e do bom senso. N'isto repomos o seu maior valor.

Muito longe dos espiritos curtos, que desconhecem a probidade e a consciencia honesta e scientifica do verdadeiro polemico, e que, pretendendo subjugar o inimigo com sarcasmos e pueris vagueações mentaes, só lhe provocam violenta indignação ou ironicas gargalhadas, Newman olhou para Pusey como para uma intelligencia que errara o caminho, que ignorava as verdades e exaggerava os factos.

Deu-lhe luz portanto, expondo com precisão e explicando o dogma catholico sobre a Virgem Maria.

D'este aproveitou só a substancia; e nem toda porque lhe não era necessaria. Quiz apresentar unicamente as verdades contra as quaes delinquia Pusey. Isto é, o seu livro é dogmatico, mas não synthetisa todo o dogma sobre Maria.

— E' uma carta, supposto que muito desenvolvida.

Por vezes julgou desnecessario até não desenvolver toda a argumentação. Todavia, attento o seu fim, a obra não perde com esta falta.

Por outra parte, Maria vencendo Eva com a aceitação voluntaria da sua maternidade divina; a sua santidade e grandeza oriunda d'aquell'outra prerogativa, d'onde promanou ainda a Conceição Immaculada; a posição da Virgem Bemdita no corpo da verdade catholica, d'ahi o grande poder da intercessão d'ella junto de Deus e a racioabilidade do culto que lhe rendemos, foram objecto de elevadas manifestações da intelligencia de Newman.

O auctor para desfazer todas as difficuldades do seu adversario, soube ainda distinguir bem a fé catholica da devoção que se presta a Maria; apresentar o desenvolvimento do dogma sobre a Mãe de Deus, desde os Padres primitivos até ás ultimas determinações da intelligencia e da Igreja; e finalmente, expôr a condição com que a Inglaterra se poderia unir a Roma.

Por todos estes motivos: objecto, precisão, (fugindo de escrupulos porque falava com protestantes a quem convinha expôr só a verdade pura), rigor logico e criterio dogmatico, o livro que temos entre mãos, apesar de sahir da penna do auctor ha 40 annos, e agora reeditado, parece-nos ser de subido alcance e utilidade para os leitores de nossos dias.

ALVES PEREIRA.

Recebemos e agradecemos:

Explicação do Pontifical, 2.º vol. Texto e commentario por *Paul Goulier*, tradução de *J. M. M.* Com approvação ecclesiastica. Casa editora de José Fructuoso da Fonseca & Filho. Porto — R. da Picaria, 74.

El Sistema científico Luliano, *Ars maga*. Exposicion y critica por *D. Salvador Bové*, 700 pag. in 4.º.

Lista civil e joias da Corôa. Discurso proferido na Camara dos Senhores Deputados na sessão de 14 de julho de 1908 por *Manuel Affonso de Espargueira*, Ministro de Estado. Lisboa, Imprensa Nacional.

Os Quinze Mystérios do Rosario, bilhetes para serem distribuidos em familia durante o mez de outubro.

A grande Promessa — communhão da primeira sexta-feira de nove mezes consecutivos.

Communhão reparadora em desagravo do SS.º Coração de Jesus. Todos estes folhetos são da Livraria Catholica portuense de Aloysio Gomes da Silva, 50 réis cada exemplar. Todos teem approvação ecclesiastica.

La Royauté de Jésus Christ (Oeuvre posthume) Huitieme retraite de Notre Dame de Paris. Casa editora P. Téqui, Tournon 29 Preço 3 francos, in 8.º 330 pag. Paris.

Les péchés Capitiaux. 15 discursos para instruções, sermões e conferencias para homems, por *Ph. G. Laborie*. Mesma casa editora. Vol. in 8.º 250 pag. 2 francos.

Instructions sur les fêtes de l'Année por *Mori-*

not, missionario apostolico. 2 vol. de 400 pag. in 8.º 2 francos cada. Mesma casa editora.

Figure de Pères et Mères Chrétiens por *J. Bels*. Primeira serie. Um vol. in 8.º 276 pag. 2 francos. Mesma casa editora.

Religion y Cultura. Vol. II *La Caridad Sacerdotal* ó Lecciones elementales de Teología Pastoral. Obra magistral do *M. R. P. A. Desurmont*. Tomo I. Mais de 400 pag. Broch. 4 pesetas, — Enc. 5 pesetas. Casa ed. Luis Gili — Balmes, 83 Barcelona.

Modernismo e Modernistas por *Alexandre Cavallanti*. Exposição historico-critica das doutrinas recentemente condemnadas pelo SS.º Padre Pio x. Illustrada com abundantes dados sobre os principaes representantes, defensores e propagandistas das mesmas. Mesma casa ed. Um vol. de 12 e meio x 20 Com 256 pag. Broch. 3. Enc. 4.

El Santo Evangelio de N. S. Jesus Christo y los Hechos de los Apostoles. Os quatro Evangelhos compilados n'um só por *Primitivo Saumarti*. Um vol. de 11 1/2x19 com 415 pag profusamente illustrado e encadernado em tela ingleza em rica placa allegorica a ouro e côres, 3 pesetas.

El modernismo. Su posicion respecto de la Ciencia. — Su condenacion por el Papa Pio x, por *Su Eminencia el Cardenal Mercier*, Arzobispo de Malines, Primado de Belgica. Traducción y Prólogo de *Juan Zaragüeta* professor de filosofia del grande Seminario de Madrid. Mesma casa editora, um folheto 50 centimos.

Rika novella por *Francisco Danvila y Callado*. Tomo XLIX da «Bibliotheca Patria».

Les Convertis d'hier, François Coppé, Ad. Retté, J. K. Huymans, Paul Bourget, Ferdinand Brunétiere por *Alexis Crosnier*. Casa editora — Gabriel Beauchesne, R. de Rennes 117. Paris. Preço in 8.º 80 pag. 1 franco.

Les Theories de M. Loisy, Exposé et Critique por *M. Lepin*. Mesma casa editora. Obra in 8.º 380 pag. 3,50 fr.

O regimen corporativo, por G. Pascal. Vol. I da Collecção «Ciencia e Religião», versão de Gomes dos Santos.

REVISTAS

Ami (L') du Clergé. — N.º 40. — *Politique et Religion*. A esphera da Politica é ou não de todo independente da esphera da Religião? A vida politica e a vida religiosa são duas entidades limitadas entre si pela possê da mais absoluta autonomia? O Catholicismo, plenamente de acôrdo com o mais exigente bom senso, condemna semelhante autonomia. — Com effeito sendo a sociedade civil a união de homens em torno de interesses materiaes e contingentes e a Religião a união em torno da lei moral e das verdades eternas e immutaveis, é claro que o governo da Sociedade Civil é subordinado á lei moral ou Religião. Sendo por outra parte a Religião a lei moral justificada e applicada, ella attinge directamente os actos do homem social ou individuo. A industria, o commercio, o trabalho, a riqueza, etc., não pôdem subtrahir-se á sua influencia. A cada religião corresponde uma ordem social determinada, ou, por outras palavras, cada religião tem necessariamente sua politica. Esta theoria tem sobretudo applicação á Religião Catholica.

Sua constituição assegura-lhe uma influencia inegualavel. Do mesmo modo que no individuo, na sociedade a legislação, os costumes, a politica interna e externa são as manifestações de sua fé, de seu génio e qualidades. Resumindo: Religião e Politica, posto que sejam dous campos d'acção inconfundiveis, não estão todavia tão separados que não mantenham entre si estreitas relações.

A'parte a confusa ideia do A., dando a cada religião a sua politica, o artigo pode ser apreciavel.

Démocratie (La) Chrétienne — 8 de Setembro e Outubro. *Montalembert & la question sociale* por *Abbé Calippe*. De Montalembert não escreveu nenhum systema de organização social. E não o inclinariam as suas tendencias a condemnar, em nome da liberdade, algumas das manifestações mais injustas do liberalismo economico? Impressionou-o vivamente o espectáculo d'algumas das cidades mais industriaes da Inglaterra. «Visitei horrorisado estas cidades medonhas, escreve elle, onde vive e pullula, d'um modo assustador uma população sem costumes, sem leis, sem fé, sem recursos, onde algumas industrias, unicamente occupadas em encontrar extracção para os seus productos mal acabados, exploram pelo minimo salario a vida e as inergias d'uma massa enorme de homens, mulheres e creanças, aos quaes não dão pelos seus suores, nem consolações religiosas, nem segurança para a velhice ou enfermidade, nem ainda o ar que respiram em suas immundas officinas.» E' esta a ideia, que domina todo o artigo, e foi este o relato do auctor — demonstrar, que De Montalembert condemnava em nome da liberdade as flagrantes injustiças do liberalismo economico, e que, não obstante, não odiava a sociedade nem clamava contra ella; mas pelo contrario amaldiçoava esses charlatães, que tomam occasiões da miseria do proximo, para commetter os mais execrandos attentados. *Science sociale et science economique*, por *De Vogelsang*. Este estudo foi extrahido d'um livro do Barão Vogelsang seu auctor, sociologo de nota eminentemente pratico. Vogelsang reprova uma sociologia *separada*, e mais ainda *materialista*. A sociologia, que deve ser um estudo real das sociedades, de seu funcionamento e mentalidade, um estudo reduzido á simples verificação do andamento effectivo das mesmas, e das transformações da consciencia social, está de si unida, segundo De Vogelsang, á moral natural e revelada; é um braço ou uma parte da mesma. E' por outra parte uma metaphisica social, pois que encara directamente as questões de origem, de natureza e de fim a res-

tradicionalismo, porque este substitue a razão individual pela razão social, emquanto nós damos á razão individual todo o seu valor. Só quando julga facil o erro, se deve apoiar na convicção d'outrem.

Rivista storico-critica delle Scienze theologiche. — Setembro. — LE APOLOGIE CORRENTI DELL' INQUISIZIONE, por *B. Dragoni*. — Trata o artigo do assumpto que, por tão batido e repisado, já devia estar gasto: — que a Inquizição não era que condemnava á morte mas sim a lei civil. E tem razão o auctor. N'aquelle tempo a herezia era considerada como crime de lesa magestade, e por consequencia, punido com a morte. Ora á Inquizição competia tratar as questões doutrinaes e declarar a culpabilidade ou innocencia do reo, e o tribunal civil applicava as penas do proprio codigo e por propria auctoridade no caso de condemnação. — LA DOTRINA DI TERTULLIANO SUI SACRAMENTI DELLA PENITENZA, DELL' ORDINAZIONE E DEL MATRIMONIO, por *Stakemeler*. — CHIEZA E STATO IN FRANCIA, por *La Piana*.

Romans-Revue. — 15 de outubro. — LE ROMAN CHRÉTIEN, por *Pienc Gourdon*. — Póde haver um verdadeiro romance christão? A muitos moralistas estas palavras parecem uma contradição. Afinal um velho e funesto preconceito. Todo o romance, de qualquer maneira que seja adjectivado, tem como caracteres essenciaes a invenção fabulosa e a analyse precisa e profunda da alma dos personagens. Esta ultima qualidade distingue-o do apologo e do drama que dos sentimentos da alma humana são antes uma synthese que uma analyse. Consequindo apresentar a verdade por meio d'uma prudente ficção -- o que não é impossivel; Jesus Christo ensinou grandes verdades por meio de parabolos, e os apologos são quasi sempre moralisadores — e no estudo do coração humano creando atracção pelos bons sentimentos e repulsão pelos maus, o romance está moralisado. E' um genero litterario difficil? Muito, mas possivel. Tanto basta para que não rejeitemos o romance, *a limine*, como obra de sua natureza má. Eliminar da sociedade o romance é impossivel. Educal-o é necessario e indispensavel. — TROIS ÉGLISES ET TROIS PRIMITIFS, por *Condé*. — QUELQUES ROMANS D'ALLEMAGNE, por *Beaufort*. — A TRAVERS LES ROMANS DU MOIS, por *Varède*.

Ao Bem Publico agradecemos a transcripção do artigo do nosso ultimo numero *S. Francisco d'Assis e a Natureza*.

Ao «Grito do Povo»

Apenas duas palavras de sincero agradecimento, pela imparcialidade e immerecidas deferencias que usou este nosso prezado collega na transcripção dos pontos essenciaes dos nossos artigos de fundo de julho, agosto e outubro do corrente anno de 1908.

D'uma ideia nossa parece divergir apenas o *Grito do Povo*: — da total abstenção da Politica nas Aggremações Populares. Pede, por isso, o articulista immerito que a Commissão Central das Aggremações se entenda com a Nacionalista, certamente para trabalharem ambas de commum accôrdo.

Não podendo acompanhar absolutamente o collega, pelas razões expostas, mas temendo que não attingissemos aquelle grau de clareza que produz a convicção, reservamos para occasião opportuna um mais completo desenvolvimento d'essa ideia.

Entretanto, podemos affirmar que em tão boas razões se escuda a nossa doutrina que a *Commissão de Estudos* do Congresso da Covilhã, de que indignamente fizemos parte, a approvou incondicionalmente (quando por incidente se tratou da questão) como norma a seguir no nosso movimento social.

E d'isto temos muito bons exemplos nos catholicos belgas, allemães, italianos e hespanhoes, quando se encontravam no periodo de organisação em que nós, ao que parece, vamos entrar...

De resto, o nosso collega tão judiciosamente falou em alguns novos alvitres que propoz e com tantas deferencias e amabilidades, aliás immerecidas, se nos referiu, que só encontramos modo de lh'as agradecer e de o animar na continuacão do seu tão proveitoso trabalho de orientacão, nó offerecimento que desde já fazemos de todas as nossas inergias e esforços, insignificantes sem duvida, mas sinceros, em prol

de todas as causas de justiça, verdade e caridade que o *Grito do Povo* defenda. Porque, n'ellas, como em Deus, — *nós somos irmãos*.

*

Agradecemos igualmente á *Liberdade*, *Estrella Povoense* e *Jornal de Braga*, entre

outros, as lisongeiras palavras com que se referiram á *Voz de S. Antonio*. Do mesmo modo agradecemos á *Palavra* e ao *Progresso Catholico* os immerecidos elogios que dedicaram ao nosso *Almanaque de S. Antonio*.

Nota. — Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a suprimir o artigo das *Congregações Romanas* que tratava de algumas novas explicações do decreto *Ne temere*.

Chronica de Portugal

As eleições camararias cuja inconstitucionalidade tanto deu que fallar realizam-se no dia 1 de novembro, de encontro á opinião dos chefes rotativos. E apesar d'isso o governo fica. E' que a guerra mansa que lhe movem os partidos não pode tomar-se a sério. Seria o cumulo do ridiculo provar-se que, não tendo o governo a confiança dos dois partidos rotativos, o sr. Ferreira do Amaral se podesse manter.

Nem acreditamos que o sr. presidente do conselho, uma vez sem essa confiança fôsse procurar o auxilio aos dissidentes e republicanos. Toda a gente sabe que esse ministerio somente fazendo dictadura poderia manter-se. E cremos que El-Rei não dará tão arriscado passo. Esse boato que tão insistentemente tem corrido explica apenas a boa intelligencia do sr. Ferreira do Amaral com os partidos avançados.

Segundo a nossa humilde opinião o governo sustenta-se porque nenhum partido está hoje habilitado a assumir as responsabilidades do Poder. No partido regenerador lavra intensamente a intriga. Só o não vê quem não quer vêr. O partido progressista está acephalo. E' certo que o sr. José Luciano dirige ainda de Anadia ou do seu palacete dos Navegantes a politica portugueza, mas a sua doença, a sua idade inibe-o de presidir a qualquer situação progressista. Ao partido nacionalista, não obstante as suas manifestações de vitalidade, falta-lhe ainda uma boa organização eleitoral e outros elementos para que honrosamente possa cumprir o seu programma.

Voltando ás eleições, parece-nos não subverterão o nosso mundo politico. Em Lisboa a não ser que á ultima hora appareça alguma lista monarchica, os republicanos ficam sós no campo. Isto tem dado muito que fallar. A cidade de Lis-

boa que na aclamação de el-Rei D. Manoel se manifestou tão dedicada ás instituições vae ser administrada pelos republicanos. Era agora que quizeramos ver manifestar-se essa força perante a urna. Ainda que os monarchicos tivessem a certeza de que seriam vencidos, ainda nesse caso, deveriam concorrer ás eleições. A abstenção hade produzir os seus efeitos naturaes: um grande desanimo nas fileiras monarchicas e a convicção entre estrangeiros e portuguezes que Lisboa é uma cidade republicana. Talvez nem todos gostem da conclusão, mas é logica, irrefutavel.

Nem vale fundamentar a abstenção na violencia dos republicanos, temendo-se a reprodução das mesmas scenas de 5 e 6 de abril; o Poder tem a obrigação de proteger os eleitores. Capitular perante os desordeiros é a mais vergonhosa das derrotas.

Se a monarchia não se sente já com força sufficiente para defender os direitos dos seus adeptos nesse caso resta-lhe só um caminho: abandonar o poder de uma vez aos republicanos. No resto do paiz as eleições não despertam interesse; os accordos que neste momento se estão effectuando dão-nos a convicção de que nada de anormal succederá no dia 1 de novembro.

A proposito das eleições alguns jornaes tem pedido ao governo que o acto eleitoral não se realize nas igrejas. Somos da mesma opinião. As igrejas não podem continuár a ser o theatro de scenas tumultuosas, de irreverencias e outros actos indecorosos que se praticam nas eleições. Acompanhamos por isso os nossos colegas nesta campanha a favor de uma medida que julgamos de uma necessidade inadiavel.

Como tinhamos annunciado realizou-se na Covilhã o 3.º congresso das agremiações catho-

licas. Foi verdadeiramente notavel. A homogeneidade de ideias, o amor ao trabalho, o sacrificio manifestado alli dão-nos a esperanza de melhores dias. A nossa educação tão miope, tão apaixonada, tão intolerante vae sendo substituida por outra mais ampla, mais humana unica capaz de nos conduzir á situação que os catholicos conquistaram noutros paizes; e vem a ser uma reabilitação que mantenha a sociedade nos moldes da fé christã de modo que se respeitem os mais elementares principios de justiça e moralidade.

Este despertar da consciencia catholica no campo social hade traduzir-se em fructos valerosos. E a nomeação do sr. dr. Sousa Gomes para presidir á comissão central encarregada de organizar as obras sociaes é para nós uma garantia de que vamos entrar num periodo de actividade tendente a dar solução aos grandes problemas que nos assoberbam. O sr. dr. Sousa Gomes possui, alem das suas convicções religiosas nunca desmentidas, uma illustração vastissima, um criterio seguro, um conhecimento completo das necessidades modernas. Homens da envergadura do illustre ornamento da Universidade se não vencem, não é por falta de intelligencia, de actividade, de tactica mas por falta de cooperadores. Ora isto tambem não é licito affimar. Pelo nosso paiz polulam muitas aggremações catholicas, muitos elementos aproveitaveis, muitas energias, mui-

tas vontades promptas para todos os sacrificios. Unir todas essas energias, todos esses esforços para uma acção commum tal vae ser o trabalho da comissão central que, se é custoso, não é de modo nenhum impossivel.

O congresso nacionalista tambem decorreu brilhante. Novos luctadores appareceram cheios de entusiasmo no seu programma politico completo, democratico, liberal; condemnando subserviencias, personalismos e reconhecendo a necessidade da religião como base da moral e por consequencia indispensavel para o bem estar e progresso da nação.

El-Rei D. Manoel prepara-se para vizitar o norte do paiz; e este para recebê-lo condignamente. Desejando conhecer as necessidades do povo e resuscitando assim antigas eras em que os reis eram humildes servos dos seus vassallos, S. M. visitará a cidade do Porto e Braga. E' este o papel dos reis como o de toda a auctoridade; e julgamos ser este o pensamento que anima o joven monarcha.

Por isso não comprehendemos que, a ser certo o que se affirma, a viagem de el-rei se faça com tal brevidade que impossibilite os povos de manifestarem a sua dedicação e o rei de conhecer os seus vassallos.

25 — 16 — 908.

P. SILVA.

Chronica do Estrangeiro

Summario. — *A questão dos Balkans.* — Antonio Maura triumphs. — *Ultimos echos do congresso eucharistico de Londres.*

MAIS uma vez se toldou o ceu azul da politica. E as nuvens veem do lado do Oriente. Já no tempo que a Bulgaria trabalhava na sua independencia tendo enviado para esse fim varios diplomatas á Europa para sondar os differentes governos investigando qual seria a sua attitude no caso d'um conflicto com a Turquia.

Parece que o resultado d'essa missão secreta foi favoravel á Bulgaria. O certo é que a Bulgaria julgou o momento propicio para proclamar a sua independencia. E fê-lo como os leitores já sabem.

Este facto teve logo consequencias proximas. A Austria aproveitou a occasião para annexar as duas provincias turcas Bosnia e Herzegovina que já administrava militarmente desde a conferencia de Berlim. A Servia apoderou-se da Rumelia Oriental. E a Creta uniu-se á Grecia, realizando assim um sonho de ha tanto tempo.

Como era de esperar estes acontecimentos produziram um choque tremendo na Europa e mais uma vez a guerra pareceu inevitavel. A Turquia viu-se desmembrada; a Servia que se julgava com direito ás duas provincias de que a Austria tomou posse mobilizou as suas tropas e ameaçou declarar guerra ao imperio de Francisco José. Mas de novo raiou a esperanza de tudo se compôr pacificamente. A Bulgaria já abriu negociações com a Turquia.

As bases do accôrdo parece serem as seguintes:

1.º Reconhecimento da independencia bulgara.

2.º Direito de tomar posse, sob uma indemnização previa, dos caminhos de ferro actualmente em exploração.

3.º Renuncia da Turquia ao direito de receber o devido tributo.

4.º promessa formal de não perseguir os bulgaros da Macedonia.

As negociações começaram entre o grão-vizir e os enviados bulgaros sob esta base preliminar: cessar desde já os armamentos nas duas nações, armamentos que alimentavam a desconfiança, impedindo o bom resultado dos trabalhos.

Os *jevons turcos*, que ultimamente tem desempenhado um papel tão importante na implantação das novas instituições, desejam sinceramente a paz tão precisa para a consolidação do novo estado de coisas e para o cumprimento das reformas inscriptas no seu programma. Teme-se, porem, muito dos partidarios do antigo regimen que não cessam de persuadir o povo de que a Europa restituirá a Bulgaria á Turquia, caso seja restabelecido o antigo regimen. D'aqui grandes receios d'uma guerra que pelas suas circumstancias arrastaria inevitavelmente toda a Europa.

Provada a pessima gerencia do ministro da marinha franceza, **M. Thomson**, como era natural, demittiu-se. E' porem justo reconhecer que o actual ministro demissionario não é quem mais responsabilidades tem na ruina da marinha franceza. Esta desorganização agora demonstrada no parlamento já vem de longe. Todos se recordam da gerencia de **M. Pélletán** que, ao abandonar a pasta, deixou a marinha franceza occupando o quarto logar nas marinhas mundiaes depois de ter occupado o segundo logar.

M. Clemenceau substituiu o ministro demissionario por **M. Alfredo Picard**. Esta nomeação não satisfaz ninguém.

Pela primeira vez se viu o presidente do conselho escolher para ministro da marinha quem nunca foi parlamentar nem official da marinha. O rompimento d'estas praxes descontentou os parlamentares e a marinha, fazendo-lhe uma vivissima opposição. **M. Clemenceau**, porem obedece a um plano: na formação do ministerio, **M. Cle-**

menceau escolheu personalidades secundarias na politica para mais facilmente desempenhar o papel de dictador proprio do seu temperamento.

É ainda este o fim a que **M. Clemenceau** viza nomeando ministro da marinha **M. Alfredo Picard**.

Escolheu **M. Alfredo Picard** porque não é homem de iniciativa obedecendo-lhe por isso egualmente. Segundo a opinião d'um politico francez perfilhada pela maioria da imprensa, **Clemenceau** é já ministro do reino, da guerra, da marinha e de negocios estrangeiros.

Esta recomposição, porem, enfraqueceu notavelmente o ministerio crendo-se não resistirá até ao anno.

E julga-se mesmo que a crise que proxima-se abrirá será muito extensa abrangendo o mesmo **M. Clemenceau**. O partido de **M. Emilio Combes** de infeliz memoria prepara-se para lhe succeder e continuar a guerra á Igreja. Fundamenta a necessidade da queda de **Clemenceau** na sua amisade para com os reaccionarios e no seu servilismo (!) perante o Vaticano.

A **Hespanha** entrou agora n'uma phrase nova. Na regeneração da patria procuram collaborar todos os partidos que voluntaria ou involuntariamente se convenceram de que a acção energica do sr. **Antonio Maura** era patriota e necessaria. Com o apoio da corôa e da opinião, vae realisando o seu vastissimo programma de reformas politicas e economicas que a muitos se afigura a rehabilitação da patria. Escudado com o respeito á lei creou em volta de si uma corrente de sympathia que os mesmos partidos avançados reconhecem e admiram. O rei **Affonso** ao mesmo tempo procura captivar as sympathias com as suas visitas a varias cidades.

N'este momento é elle festejado em Barcelona onde foi visitar a esquadra franceza.

Em **Inglaterra** ainda não se apagaram de todo os ecos do ultimo congresso eucharistico. Os mesmos protestantes confessam a imponencia do congresso e juntamente com os catholicos censuram o governo pela sua attitude prohibindo que a Custodia fosse levada pelas ruas.

CONGRESSO NACIONALISTA

Celebrou-se nos dias 29 e 30 de setembro e 1 de outubro na vetusta e historica cidade de Vizeu o quarto congresso Nacionalista. Depois do Porto, Vianna e Braga, Vizeu pôde reunir dentro dos seus muros a assembleia annual do partido politico que em Portugal se apresenta com o mais completo programma, as mais desinteressadas aspirações e uma comprovada vontade de servir o paiz.

O congresso celebrou-se no vasto salão theatro do Circulo Catholico de Vizeu, com um brilho e esplendor pelo menos igual aos celebrados nos annos anteriores. A assistencia foi numerosa, presidida pelo Ex.^{mo} Snr. Conselheiro Jacintho Candido que abriu a primeira sessão publica, com uma brilhante defesa do partido nacionalista, injustamente apodado de retrogrado.

Alem do illustre chefe do partido falaram no congresso os ex.^{mos} snrs. dr. Alberto Pinheiro Torres, Padre Manuel Gomes Hymalaia, dr. Mendes Lages, dr. Bentes Castel-Branco, dr. Campos Miranda, dr. Assis Teixeira, dr. Abundio da Silva, dr. Arthur Bivar, dr. Barreiros Tavares e Anthero Pacheco.

Se na assistencia, como fizeram notar os jornaes, predominou o elemento clerical, na tribuna pelo contrario, feita uma honrosissima excepção, sucederam-se exclusivamente oradores de classe secular, que pela sua illustração e honestidade são a honra do partido. De entre os novos e valiosos elementos que ultimamente engrossaram as fileiras do Nacionalismo, destacaram-se com primorosos discursos as três figuras salientes do dr. Bentes Castel-Branco, dr. Abundio da Silva e Padre Gomes Hymalaia.

A conferencia do Rev.^{mo} P.^o Hymalaia foi o estudo d'um verdadeiro homem de sciencia, e sobre o problema agricola, verdadeira crise nacional e questão economica preponderante em Portugal, falou sua exc.^a com a extraordinaria competencia, que lhe dão largos annos de es-

tudo e aturadas elocubrações scientificas, donde emanou o seu maior invento, o *Pyrheliophoro*, de elevado alcance nos trabalhos da agricultura.

O congresso fez uma calorosa e bem merecida ovação ao illustre inventor português, que com a sua adhesão deu elevada honra ao partido nacionalista.

No congresso foram votadas por aclamação quinze conclusões affirmando a necessidade da reforma dos costumes politicos; de considerar como primario dever civico interessar o paiz nas questões supremas da sua vida; de dar á provincia o logar que lhe compete; de descentralisar a vida politica e a vida administrativa, restaurando a vida municipal; de tratar sériamente a questão social; de evidenciar que a forma do governo não é exclusivamente interna, mas ha conveniencias internacionaes imprescindiveis, que os desalentos e deserções devem substituir-se por acção restauradora; a necessidade de fomentar as iniciativas individuaes; de crear sem augmento de despeza, além dos ordenados dos respectivos ministros, dois ministerios, um de fomento agricola, industrial e commercial, outro de marinha; necessidade de acudir aos interesses vitaes do paiz, abandonando campanhas exclusivamente politicas; redigirem as commissões central e districtal de Vizeu um manifesto ao paiz, exhortando-o a cuidar da sua salvação, a tratar do problema d'uma descentralisação das provincias coloniaes, restaurando as marinhas commercial e a de guerra.

No trabalho de propaganda o Nacionalismo tem-se occupado com dedicacão e com resultado. O mesmo ou maior interesse exige indubitavelmente a educação politica dos filiados no partido, sem a qual mal comprehenderão o seu programma, e serão entravados em parte os seus esforços. E' trabalho para muitos congressos, e nisso se empenhará por certo, como questão primacial, o futuro congresso do Porto.

OBRAS PRIMAS DA LITTERATURA PORTUGUEZA

A sahir em Janeiro proximo, o 1.^o volume da NOVA FLORESTA, do Padre Manuel Bernardes, edição em 5 volumes, dirigida por José Sampaio (Bruno) com um largo estudo do mesmo sobre o genial prosador.

Publicação por assignatura a 500 reis o volume brochado e 700 reis encadernado. Impressão nitida e bom papel. Recebem-se assignaturas desde já.

LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão

144 — RUA DOS CARMELISTAS — PORTO

—||| Cathecismo para os Parochos |||—

2 VOL. . . . 1\$200 REIS

Deposito em Braga * LOJA DO ROSARIO

UNE REVUE OU IL Y A DES CHOSES

Cest Romans-Revue. Lisez le N.^o 8 qui vient de paraître et vous jugerez. Voici le sommaire: *Le roman chrétien*, étude, profession de foi, appel, de Pierre Gourdon. — *Trois églises et trois primitifs*: curieux aperçus d'esthétique, par Roger de Condé. — *Quelques romans d'Allemagne*, par R. Beaufort. — Un extrait intéressant du roman *Dans la Crise*, par F. Dumont. — *Les livres scientifiques*: exposé à la portée de tous, par Faifen. — *Les séances récréatives dans les œuvres*: renseignements précieux et indispensables pour le clergé, par L. Bethleem. — *Les 15 romans du mois*, appréciés et analysés, par R. Varède. — *Monseigneur Baunard*, figure et œuvres, par le Chanoine Lecigne. — *Consultations nombreuses*. — Etc., etc... Au total: 104 pages de choses. — S'adresser à M. MASSON, éditeur, à Cambrai (Nord), dans les Gares et dans les Librairies.

Aos colleccionadores de bilhetes postaes illustrados

Deliberei abrir no meu armazem uma secção de vendas, especialmente para colleccionadores, a quem forneço bilhetes postaes illustrados, pelos mesmos preços que aos commerciantes, poupando assim muitissimo áquelles que se me dirigirem

Bilhetes postaes illustrados desde 5 a 400 reis. Alburns para os mesmos desde 300 reis.

Sellos coloniaes e estrangeiros em folhas á escolha.

Em virtude das grandes compras que faço no estrangeiro, sou o commerciante que mais barato posso fornecer em Portugal.

Contra a remessa de 1\$250 reis, enviarei um sortido completo de 50 postaes diferentes, de entre os quaes 10 postaes de grande luxo, e 50 envelopes proprios para os postaes.

Contra 4\$900 reis enviarei um sortido de 200 postaes diferentes, entre os quaes 20 em grande luxo, e 200 envelopes proprios para postaes.

Possuo uma revista *Le Reclame Universel* que é indispensavel a todos os colleccionadores, e de que será enviado um numero gratis a quem o requisitar.

Pedir tabellas e condições de venda a

—||| F. CORTEZ PINTO |||—

Séde — 10 a 18 — R. S. João — COIMBRA.

Succursal — R. D. Diniz — LEIRIA.

ALMANAQUE DE S. ANTONIO PARA 1909

continua a ser o Almanaque mais util para todos os portuguezes.

Por isso, e attendendo ao seu preço, pois um tomo de **408 paginas**, impressas em bom papel e com mais de **140 gravuras** custa apenas

250 rs. brochado e 320 rs. encadernado

o ALMANAQUE DE SANTO ANTONIO é ainda o mais barato de todos os Almanagues que se publicam em Portugal e talvez no estrangeiro.

Adquiram, pois, todos o ALMANAQUE DE SANTO ANTONIO.

Pedidos, acompanhados da respectiva importancia á *Administração da Voz de S. Antonio* — Braga, e ás principaes livrarias do Paiz.

TOADAS DA NOSSA TERRA

Trovas portuguezas
Ao gosto popular

Versos de ADOLPHO PORTELLA

Musica de THOMAZ BORBA

Desenhos de RAQUEL ROQUE GAMEIRO

Approvedo pelo Conselho Superior de Instrucção Publica
PARA PREMIO ESCOLAR

Depositarios: José Antonio Rodrigues & C.^a

LIVRARIA — Rua Aurea, 186-188

LISBOA

ARTIGOS RELIGIOSOS

A. D. CANEDO, Successor

CASA FUNDADA EM 1858

200, R. das Flores, 206 — PORTO

Grande deposito de imagens de todos os tamanhos e para todas as devoções, em madeira, cartão romano, cartão madeira, plastique, etc., etc. Execução perfeita, segundo photographia que se envia a todos os clientes.

Banquetas, crucifixos, livros, rozarios, terços, corôas, estampas, pias para agua benta, placas, medalhas em aluminio, prata e ouro, assim como todos os artigos de devoção e propaganda em todas as qualidades e gostos.

Sempre novidades em objectos para brindes.